

Revolução

IMPERIALISMO
ATAACA EM

ANGOLA



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO · BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

SENHORES DO GOVERNO:

Fez-se o 25 de Abril, e depois de fazer um resumo dos meses que se passaram cheguei à conclusão: se temos um governo provisório que diz à boca cheia que defende a classe operária que durante 48 anos foi martirizada, cheguei a um ponto que a política que os senhores estão a levar não é digna do povo português, porque chega-me ao meu pensamento que os senhores são uns intrujões. Não há direito de autorizarem manifestações do estilo 21-1-75 do Campo Santana (manifestação contra os trabalhadores da Rádio Renascença). Essas pessoas tiveram toda a liberdade do governo para fazer a manifestação Quem são esses "senhores"? São homens que defendem o trabalhador? Não são. São pessoas que vão para a rua e diz em "abaixo a classe operária"... "viva Salazar". Ora quem foi o Salazar? Sabem o melhor do que eu. Foi o ditador; foi o culpado da ignorância do povo português. Caros senhores: eu penso que os senhores não são humanos. Vocês devem admirar-se de eu afirmar isto, porque eu apesar de ser ao pé de vocês um atrasado de cultura vejo que os senhores são uns intrujões, os traidores da classe operária. Não há direito de vocês permitirem uma manifestação fascista e desalojarem com a polícia centenas de famílias que ocuparam casas desses mandros fascistas (senhorios) esses inimigos da classe operária. Pergunto eu? Porque é que vocês actuam dessa maneira. Foram vocês que fizeram o 25 de

reacção! Porque se houver um golpe de direita os próprios adversários de vocês são a GNR e a PSP. Como trabalhador enoja-me esses "senhores". Por que se fizemos o 25 de Abril acabámos com a Pide-DGS e Polícia de Choque, pergunto eu: qual era a dignidade da farda que vestiam se ao fim e ao cabo não era autoridade que lá estava mas sim cobardões. Não era dessa maneira que expulsavam essas pessoas. Num caso actuaram às 11 da manhã, quando os operários foram para os seus empregos; e foram lá onde estavam senhoras grávidas e actuaram como ditadores. Actuaram bem esses "senhores"? Deram 30 minutos para as pessoas saírem de casa. Mas esse covarde chefe de polícia aproveitou-se da ignorância e do fraco ser o feminino e desocupou essas famílias para a rua. Porque é que esse senhor não foi à noite quando lá estavam esses operários? Tiveram medo? Eles que foram armados com chicotes, capacetes e gases lacrimogéneos à maneira fascista. Porque não foram à noite? Pergunto eu, acham que se deve brincar com a ignorância do Povo Português que durante 13 anos deu filhos para a guerra colonial para defender os interesses dos capitalistas; o que agora fizeram as F.A. foi o 25 de Abril mas tiveram dentro de si milhares de pessoas a auxiliá-los. Por isso não devemos trair esse povo mas sim educá-lo para uma democracia de que nós nos orgulharemos como portugueses. Mais uma vez digo - Abaixo a reacção! Abaixo os capitalistas!

Abaixo os traidores da classe operária! Temos senhores no governo que os senhores como políticos do povo Português, segundo dizem, devem ver melhor as coisas do que eu. Por exemplo Álvaro Cunhal que durante anos viveu na clandestinidade dizendo-se ele comunista (ou comodista) que veio para cá como um papagaio (depois do 25 de Abril) dar as suas ideias como ditador. Dou mais valor àqueles que se sacrificaram durante anos no país fascista. Achem bem quem defende a intersindical. Porque é que ele a fez? Porque não tem o suficiente apoio das armas. Vira casacas conheço muitos como por exemplo Veiga Simão que hoje é o representante na O.N.U. Não tem o Governo Provisório o desceramento de mandar esse fascista que durante o tempo que esteve no governo foi sempre contra o trabalhador. Como é que ele passado meses pode ter-se modificado? Temos um exemplo: quando uma criança vai para a escola entra para a primeira classe leva seis anos até à sexta classe; portanto os professores não dariam aulas da sexta classe a um aluno da primeira. Serão vocês governo Provisório, professores progressistas que conseguem passar um aluno da primeira classe para a sexta classe. Eu como ignorante não acredito.

Enfim, vocês vivem à sombra desses capitalistas que se for preciso vos mandam para as masmorras ou assassinar-vos. Portanto, são vocês, os representantes do Povo, como

vocês dizem. O que duvido, Vasco Gonçalves que teve a cabeça a

premio há uns meses atrás, ou fez jogo com os capitalistas ou então os capitalistas renderam-se à classe operária. O senhor não é um revolucionário a sério porque não fala do lado da classe operária, numa forma clara. Não basta gritar. Porque não acredito nessa imprensa paga pelo PC que o defendem a si, porque você no Governo não é honesto. Porque eu como ignorante acho que um Primeiro Ministro tem de ser democrata e como defende a democracia que defendeu até hoje chego a duvidar do senhor e dizer que é um suspeito como Veiga Simão. Outro senhor Mário Soares, ri-se para toda a gente com ar clínico e de sacana, grande capitalista! Como esse senhor traidor Sá Carneiro e mais Freitas do Amaral. Oh! meu Deus como há gente no Governo que vai no jogo desses senhores.

Ao fim e ao cabo para acabar, cheguei a uma conclusão vocês são iguais aos outros, mas é tarde, não podem recuar. Tem uma solução apoiar a Revolução Socialista. Senão serão mortos como Fidel de Castro fez em Cuba aos traidores do seu povo.

Viva a Revolução Socialista! Viva a classe operária! Ao lerem isto façam justiça pela vossa própria cabeça. VIVA A REVOLUÇÃO SOCIALISTA! Um trabalhador

uma carta

Camaradas: Li no jornal "Revolução" de 2 de Março um artigo em que é criticado o governo pelas sanções aplicadas ao MRPP e à AOC e em que se pedem razões fortes para essa tomada de posição.

Camaradas, por acaso até sou militante do PCP (o tal a que eles chamam P"CC" ou partido "cunhalista", ou "partido do Barreirinhas Cunhal", que é, dizem eles, "o motor do social-fascismo e do social-imperialismo") é é com evidente nojo que encaro os indivíduos dessas organizações pseudo-revolucionárias.

Como se poderá chama partidos de esquerda a indivíduos que alinham deliberadamente arrastando algumas forças populares, em posições tomadas pela burguesia? Quem estivesse, no 11 de Março, nos piquetes de vigilância em Alcântara assistiria a uma quantidade de contradições que só levariam a concluir que o MRPP é um partido reaccionário. Nesses piquetes estavam presentes alguns operários fardados de macaco, com barras na mão, a defender de corpo e alma a situação actual, não porque ela seja já o que eles pretendem, mas porque garante liberdades suficientes para uma

mais aprofundada acção que nos leve à Revolução Socialista, alvo desejado de todos aqueles que até agora têm sido explorados por meia dúzia de burgueses capitalistas que nada mais pretendem do que a continuação de um regime político que os favoreça e lhes deixe livre campo de acção.

Entre esses operários encontravam-se alguns com o distintivo do MRPP.

E agora vem a contradição: 5 metros mais acima da Pr. da Armada, estava um grupo do MRPP que, atacando com palavras de ordem o MFA dividiam o povo e alinhavam descaradamente com a contra-revolução.

Final qual é a posição defendida pelo MRPP? A Revolução Socialista libertadora ou a revolução fascista opressora?

O que interessa quando se trata de defender uma posição que os trabalhadores já conseguiram com muita luta e organização? Por-mo-nos implicitamente contra o governo e a favor da de atentados fascistas? Ou esmagar o golpe reaccionário para depois podermos organizar-nos e alcançar o nosso objectivo?

Acho que isto por si só vale a dissolução completa de um partido

que alberga 80% de políticos míopes que lêem a teoria para a aplicar indistintamente na prática e 20% de operários despolitizados que vão atrás deles como vão atrás do PPD. Um maoísta não é um estúpido e se o MRPP fosse maoísta outra seria a sua linha de acção. E palavras de ordem como "O MFA está contra o povo" no momento em que o povo e o as F.A. estão empenhadas em garantir a defesa da situação actual e em não deixar o tempo voltar para trás, mostra bem qual a linha de acção do MRPP.

Aliás, nada me deixou com a boca tão aberta como quando, em conversa com um militante do MRPP de Estremoz sobre o programa dos partidos políticos, ele me disse que a melhor reforma agrária estava no programa do PPD(!!!). E, ainda no 11 de Março, ao ler um comunicado do MRPP, deparei com a seguinte frase que defendia a posição deste partido: "Quando o nosso inimigo (o MFA, claro) está à beira do abismo, não se lhe dá a mão, empurra-se!" Bastante claras, portanto as manobras.

Continua p. 4

O NOVO PREÇO DE <REVOLUÇÃO>

Temos recebido algumas reclamações de camaradas e leitores, protestando contra o novo preço de "Revolução". Mas uma coisa é certa. Anteriormente recebíamos também reclamações protestando em relação ao escasso número de páginas e nós próprios, comissão de redacção do "Revolução" e direcção do PRP-BR, sentíamos que as oito páginas eram muito pouco para as necessidades do noticiário de lutas, comentário político, etc, especialmente à me-

diada que a crise se aprofunda e também que o nosso partido se reforça e alarga. Por isso resolvemos passar para 16 páginas e nesse caso tornava-se impossível manter o preço de 2\$50. E foi praticamente obrigatório passar para 4\$00.

Mas quem dá 4\$00 todos os dias pelo jornal diário não pode dar uma só vez por semana por um jornal semanal? E quem não dá todos os dias não poderá fazer um esforço para dar essa quantidade ao menos uma vez por semana?

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

XUXIALISMOS À SOLTA

QUEM SÃO OS RAPAZES DO MES?

"Confundir a tomada do poder e a violência revolucionária com acções grupusculares armadas ou exhibições de "faca na liga" são formas voluntaristas e pré-revolucionárias de acção (comparar o verbalismo de Isabel do Carmo com o real auditório de Isabel do Carmo)."

18 de Março de 1975

Assim diz o MES no seu jornal "Esquerda Socialista" de 18 de Março de 1975.

% E porque o Mes provoca, aproveitamos para falar do MES. Antes de tudo convém fazer notar que o MES, como sempre habilidoso (as letras dão muitas luzes!), chama verbalista a Isabel do Carmo, para não chamar verbalista ao PRP-Brigadas Revolucionárias, caracterizado exactamente por ter poucos documentos escritos, mas muitas acções. Seria difícil demonstrar que as Brigadas Revolucionárias são verbalistas (para quem não sabe, "verbalismo" significa falar muito e fazer pouco).

Mas falemos de verbalismo e de auditório.

O VERBALISMO

O MES antes do 25 de Abril não existia... Estranha coisa para quem se reclama da classe operária e para quem defende a sua organização. Só lhe veio a vontade toda depois do 25 de Abril. Antes disso os actuais dirigentes do MES espalhavam o seu... verbalismo pelas assembleias dos sindicatos, pelas lutas legais e semi-legais e em demonstrando que a classe ainda não estava madura para formas superiores de luta e de organização. Mas eis que depois do 25 de Abril amadureceu de repente! E aí foram investidos de dirigentes os propagadores de ideias mansas no tempo do fascismo. E eis que agora até têm a lata de falar de luta armada e de pôr na capa dos seus livrinhos imagens de gente de espingarda ao ombro por entre a bandeira vermelha desfraldada ao vento. E eis que agora até pretendem fazer comer gato por lebre a movimentos estrangeiros que fazem luta armada em condições de vida ou de morte, querendo-se irmanar com eles. Agora estão todos abertos; antes do 25 de Abril não tinham coragem nem sequer para se organizarem clandestinamente dum forma consequente! Mas isso tem a ver com a sua classe da qual se falará a seu tempo.

Continuando no verbalismo... há um verbalismo no MES de que é necessário e higiénico falar. Alguns dirigentes do MES que foram presos durante o tempo do fascismo chegaram lá e falaram na polícia que foi um disparate! Foi um verbalismo... E quando se diz isto, pode-se provar.

O AUDITÓRIO

Mas essas coisas não interessam ao MES, o MES não se preocupa com um política consequente de classe, em que se defenda a perspectiva revolucionária na prática. O MES preocupa-se com os sentimentos, o MES é humanista, o MES preocupa-se com flores de espírito, preocupa-se com as boas intenções. Porque os meninos do MES são muito ilustrados, sabem muitas coisas, leram muito... E tem muito para dar à classe operária, coitadinha. Por isso fazem o que podem e o que não podem para se pôr ao serviço dela... ou às cavalitas dela! Porque vindo o 25 de Abril e a santa liberdade, o MES desatou realmente à procura de público, de "auditório". Mas, estranhamente, procuramos o MES por aí fora na zona industrial e não o encontramos. Por isso é ridículo que o MES fale em auditório (de Isabel do Carmo, portanto PRP-Brigadas Revolucionárias). Porque se fomos à procura do MES, onde está ele? Na Lisnave? Não há. Na Setenave? Não há. E bem dizemos aos nossos militantes que procurem bem, debaixo de alguma máquina, por trás de alguma porta a ver se está lá alguém do MES! Não está. Nas fábricas de electrónica? Não está. Na Timex? Não está. Na Siderurgia? Não está. Em todas as fábricas de vidro da Marinha Grande? Não está. Aí, este maroto do MES, onde é que se escondeu? Onde é que está o seu "auditório"? Eles que nunca foram clandestinos deu-lhes agora para à clandestinidade! Há realmente sítios onde o MES está... Na Faculdade de Económicas, na Faculdade de Letras, em todas as Faculdades mesmo! E é daí que observam, e é daí que dizem que Isabel do Carmo (leia-se PRP-BB) não tem auditório. Realmente o PRP-BR não existe nas Faculdades. Nunca existiu e deseja não existir. O PRP-BR pensa que as organizações estudantis emprestam qualquer movimento ou partido. E há mesmo movimentos e partidos que são só ou quase só organizações estudantis. É o caso do MES e de muitos outros. O PRP-BR não tem nenhuma organização

estudantil, tem meia dúzia de estudantes liceais e universitários (que se integram em trabalho político fora da escola), tem bastantes mais estudantes das escolas técnicas, mas o que é sobretudo é um partido de trabalhadores. Andamos portanto em sítios diferentes. O MES na Faculdade a bailar entre o MRPP e a UEC, o PRP-BR nas empresas e só nas empresas. Daí a miopia do MES. Daí o MES não nos ver. E que pena que nós temos! É por isso que o MES não tem vergonha de falar de auditório. Temos que encontrar aí a explicação para tal disparate. Os meninos do MES, rodeados pela sua organização estudantil olham em volta e dizem: onde está o PRP-BR? Não está na Faculdade. Logo não existe! E há realmente uma muralha entre o nosso mundo e o mundo do MES. É a muralha da classe! E o MES não vê para além do muro. Se visse teria vergonha. Porque tinha que lhe dar que pensar que naqueles centros onde, decerto sem ser por acaso, existiu sempre a vanguarda da classe — Barreiro, Marinha Grande — o MES, não existe e o PRP-BR existe pública e visivelmente com mais força dentro da classe operária que em qualquer sítio. Era bom que o MES tivesse ao menos observadores seus nesses locais para não falar de cor. Se conhecesse a realidade teria vergonha! Porque a realidade é mais alguma coisa do que a mesa do café ou a sala de alunos da Faculdade.

O MES procurou também abordar o Barreiro, mas pela periferia. Foi ao Lavradio (Barreiro) e fez um comício. Teve quinze pessoas, entre elas alguns militantes nossos que procuravam descontinuar o profundo pensamento do MES.

O MES realmente procurou existir nalgumas pequenas empresas, onde o atrazo das forças produtivas davam ao MES o proletariado fácil (e muitas vezes feminino) para os estudantes chegarem lá com os comunicados escritos e levarem a malta a concordar. Mas são pequenos casos que pouco contam. Há, no entanto, uma empresa onde o MES existe, ou sobretudo existiu — a Tap. E foi bom que isso acontecesse. Porque senão ficava-se sempre com aquela impressão: como seria o MES numa grande empresa? Na Tap o MES conseguiu demonstrar pela prática o que é uma organização oportunista nas lutas concretas. O que é não ter alternativa, o que é necessário que se saiba que o MES fez a seguinte

monstruosidade: tendo conseguido pôr o aparelho técnico dum sindicato ao serviço da luta da Tap, proibiu que fossem passados aí comunicados dos trabalhadores da Tap, quando deixou de estar de acordo com o seu conteúdo.

E quando se diz isto pode-se provar.

É isto que se chama querer controlar a classe. E o contrário disto é a autonomia. Foi bom que o MES existisse na Tap. Permitiu que a sua política se desmascarasse e

quando chegam à idade adulta pensam em resgatar os pobres. Para isso lêem muito e aprendem muito como é que são os operários. Como pensam os operários, como se organizam os operários, como comem os operários, como funcionam os operários. Há mesmo o caso dum menino do MES, que abriu a barriga a um operário para ver como era por dentro. A que ponto pode chegar o humanismo.

Pensam portanto sacrificar-se pela classe operária. Mas pelo sim



permitted que a organização do PRP-BR se alargasse extraordinariamente!

QUEM É O MES?

Mas afinal quem é o MES? O MES tem 50% de profissões liberais nas suas fileiras. Para além das profissões liberais tem estudantes. O MES é uma organização fina. Mas muito amigos dos operários!

A maior parte dos militantes do MES são filhos não da pequena ou média burguesia, mas sim da alta burguesia. E com o peso na consciência das boas papas e vitaminas que comeram, das férias no palacete de praia, das criadas, das missas, os meninos do MES

pelo não vão aprendendo uma técnica qualquer: que possa ser posta ao serviço da classe operária, sobretudo Mas que também vá dando os seus dinheirinhos. Economia, Arquitectura, Medicina, Direito... E os meninos do MES, cada vez mais homens feitos vão jogando em dois tabuleiros. Vão aprendendo coisas, coisas... que lhes dão um verbalismo... terrível! E por outro lado vão exercendo a sua técnica que lhes dá umas boas massas para fazerem a sua vidinha, mas sempre pensando que hão-de pôr a técnica ao serviço da classe operária! E enquanto se agacham debaixo do proletariado de que falam, vão pensando que este precisará sempre de homens letrados como eles. E mesmo... que esses homens letrados terão que estar, sabe-se lá quanto tempo, à

XUXIALISMOS À SOLTA

QUEM SÃO OS RAPAZES DO MES? ... E O PS

Continuação pág. 8

frente dos destinos da classe operária que, coitadinha, precisa de alguém que lhe abra os olhos.

O MES está portanto preparado para tudo! Quando vier o socialismo eles serão a cabeça, eles são necessários, mesmo imprescindíveis. Não pode haver ditadura do proletariado sem o MES a dizer como se concertam as torneiras, sem o MES explicar o direito do trabalho, sem o MES fazer contas, sem o MES mandar as suas bocas sobre planeamento familiar. Ai, pobre proletariado, como ele precisa do MES!... E assim sonha o MES com uma primeira fase do socialismo (sonha ele, nós não) em que a ditadura dos doutores se põe a cavalo da ditadura do proletariado. Coisa que eles não desejam claro... mas que aproveitam.

E já agora, nestes tempos de confusão que vão correndo, o MES põe-se ao serviço. De quem? É indiferente. Põe o avental e o boné e aí está. Faz contas, é técnico, sabe coisas, arrasta-se, muda de tática todos os dias. E bem se tem esforçado por apanhar qualquer migalha do poder. Tem estado quase a apanhar uma secretaria de Estado. Porque secretaria a secretaria pode ser que apanhe o Governo todo. E que Governo! É assim, é assim que se constrói o "contra-poder".

Guerra ao reformismo? De maneira nenhuma, o MES não a faz porque o reformismo ainda tem

muito poder. No entanto os militantes do MES nunca foram do Partido Comunista. Quando este Partido era a organização de esquerda e de vanguarda, os militantes do MES não estavam lá. Por escrupulos? Não. Por razões de classe, porque sempre foram anti-comunistas. E mascaravam isso com cristianismo e outras coisas.

Mas agora que lhes cheira a poder (precário, "provisório" poder!) chegam-se, chegam-se a quem lhes cheira. Desgraçados que nem sequer vêem o horizonte. O MES é a demonstração do que é não ser revolucionário, do que é não ver mais do que o seu nariz. Porque o Partido Comunista é um partido operário, que embora com uma direcção degenerada e infiltrado pela pequena burguesia, é consequente, é lógico, tem a ver com a história do movimento operário e as suas contradições, tem a ver com o que, embora morrendo em degenerando, foi coerente. O MES é uma coisa mole e informe, é barro que se atira à parede e se vai moldando. O MES é uma coisa tão mole como um molusco.

MAS VIRÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

Mas pode crer o MES que se vai acabar a ditadura dos doutores. E talvez lhe sirva de exemplo pedagógico o caso da siderurgia, onde os operários estiveram a trabalhar durante longo tempo sem necessitarem de doutores.

E é certo que, ou o proletariado encontra formas de se auto-girar, de se auto-governar para instaurar a sua ditadura, ou se instala sobre ele a ditadura da burocracia tecnocrática na qual alterna o tecnocrata do MES e o seu sorriso pepsodent com o polícia reformista e os seus ditos perdoável e gostosamente (para o MES) medíocres. Mas a situação objectiva não permitirá em Portugal grandes voos para o MES. Onde chegaram aí ficam; daqui para diante é tudo a descontar.

E quando vier o tempo da ditadura do proletariado e os painzinhos dos meninos do MES entrarem em falência e deixarem de existir os almoçinhos e jantares, então eles podem ter a certeza - têm de sujar as mãoszinhas!

Enfim, o MES, se não existisse era necessário inventá-lo! Senão, ficava vago o lugar que existe sempre destinado ao oportunismo, entre os reformistas e os revolucionários.

A presença de algumas pessoas sérias (embora das quais discordemos) inibiu o MES até certo momento de entrar no oportunismo absoluto e inibiu-nos a nós de ir até ao fim neste julgamento (veja-se n.º 5 de "Revolução"). Agora, desde que essas pessoas saíram, é uma liberdade de movimentos! Para eles e para nós.

Irão responder a isto os rapazes do MES? Não acreditamos. Se respondessem era tão bom!

I.C.

Protestando contra a suspensão do MRPP e da AOC, o P.S. diz:

"Que se saiba, nem o MRPP nem a AOC possuem milícias privadas armadas, nenhuns militantes seus foram alguma vez interceptados a treinar tiro de pistola-metralhadora, nem se destacaram especialmente em ocupações anarco-populistas". Como é evidente não é preciso ser muito esperto para adivinhar a charada. Por isso o PS não se incomodara a pôr à frente, entre parentesis, (PRP-BR).

Assim ficamos a saber que o PS é contra as milícias armadas, contra os militantes armados e treinados, contra as ocupações. E sugere mesmo, que esses sim, devem ser suspensos em troca dos seus protegidos, AOC e MRPP.

Valente PS! O seu comunicado lembra-nos um escrito de Marcelo Caetano, já nos finais do seu reinado, em que este dizia que se "fossemos para a democracia" de certo cairíamos numa situação em que se criariam milícias armadas. Assim se exprime o nojo de classe dos senhores do PS ou do senhor Marcelo Caetano pelo que constitui a organização armada dos trabalhadores.

Porque os senhores do PS defendem a sua democracia do alto da tribuna e são superiores às formas violentas usadas pela ralé. Os senhores do PS têm as mãos finas de advogados e ficaram dispensados da tropa. São para a

gentelha as armas, os treinos e as ocupações (ai, a propriedade privada! Nunca se sabe se a casa ocupada não será de alguma tia, ou de alguma avó, ou mesmo de algum ministro do PS).

Os senhores do PS só por vergonha é que não insultam os movimentos armados da Guiné, de Moçambique, de Angola, dos Vietname. Só por vergonha e por distância, o colonialismo e a boa tática desses movimentos calou a boca e conquistou elogios hipócritas à social-democracia europeia. Mas quando as coisas se passam mais próximas começam a ser diferentes. É assim a luta na Palestina.. Enfim o PS é colega da Senhora Golda Meir na II Internacional e cá esteve um delegado de Israel no congresso do PS. E em Portugal mais escaldante, mais escaldante! Aqui, o PS pura e simplesmente tem medo, medo das milícias armadas! E da "ditadura anarco-populista" como o ministro Zenha apelidava ao que parece a ditadura do proletariado, no comício do PS, no Campo Pequeno.

Quanto à AOC e ao MRPP o PS promete dar-lhes um bombom se se portarem bem, não se armarem e só disserem mal do PC. O que o PS não suporta é que haja quem critique simultaneamente o PS e o PC, como é o nosso caso, não embarcando em facilidades, encostando-nos ao anti-comunismo da social-democracia como se apenas fosse anti-stalinismo.

uma carta

bras divisionistas do MRPP.

No que diz respeito à AOC, esta é também uma organização reaccionária, porque:

- logo na questão da unicidade sindical se manifestou contra. E a unicidade sindical foi, quanto a mim, até agora a única decisão tomada pelo governo respeitando a vontade popular. A unicidade sindical é o garante único e forte da liquidação total das manobras divisionistas da pequena burguesia trabalhadora. A burguesia mais perigosa, não é aquela que detem o capital, que nos explora e nos trás a trabalhar para ele. Essa, nós, unidos, podemos esmagar com facilidade, porque se nos organizarmos somos o povo inteiro contra meia dúzia. A burguesia mais perigosa é aquela que se encontra entre nós;

aquela burguesia trabalhadora que ignorando a sua condição de explorada pensa em poder subir, subir, subir não com os outros mas mais do que os outros, para depois poder ser ela própria a explorá-los.

Portanto a questão do sindicato dos Químicos não pode pura e simplesmente ser encarada como simples "delito de opinião" (segundo vem no Revolução de 2 de Março). Porque esse "delito de opinião" era descoberto a vontade burguesa dos coadidos da AOC. Eles pretendiam o sindicalismo de base que lhes desse um sindicato para as mulheres-a-dias e um para os engenheiros. Porque só assim (dizem eles) "os trabalhadores têm liberdade"(III). Mas a vontade do povo não era essa e eles tentaram aquilo que não tinham conseguido pelas palavras asquerosas que

dirigiam aos candidatos da Lista B que desejavam um sindicalismo vertical.

É fácil de ver que este "delito de opinião" envolve razões políticas. Não basta vir à sup. erficie. E digo isto para o MRPP e para a AOC, como o digo para o CDS, o PDC, o PPD, o PS e a UDP. Uns já reconhecidos fascistas (CDS, DC e PPD). Outro que leva às massas, à boa maneira caetanista e salazarista, o desenfreado ódio anti-comunista (PS). Outro porque usando no seu distintivo a foice e o martelo tem nas suas fileiras buffs de toda a ordem e indivíduos que, a serem comunistas eu seria fascista! (UDP).

Camaradas:

NA LUTA PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA O QUE É

NECESSARIO É QUE AS MASSAS SE ORGANIZEM, ESTUDEM OS SEUS PROBLEMAS E IMPONHAM AO GOVERNO AS SUAS DECISÕES! SÓ ASSIM PODEREMOS AVALIAR QUEM ESTÁ POR NÓS! SENTADOS NAS NOSSAS CASAS ESTAMOS A SER NÓS MESMOS,

A ESTAGNAÇÃO DA LUTA DO POVO!

Pelas massas trabalhadoras organizadas!

Pelo pão, paz, terra, liberdade, independência nacional

Pela Ditadura Proletária

Pelo Comunismo!

A.M.P.S.

não às eleições
sim à revolução
socialista

angola · angola · angola · angola · angola



COMUNICADO DO SECRETARIADO POLÍTICO DO PRP-BR SOBRE OS ACONTECIMENTOS EM ANGOLA

1. O PRP-BR, dentro da sua linha anti-imperialista e de solidariedade internacionalista, vem mais uma vez afirmar o seu firme apoio à luta do povo angolano pela sua independência completa e pelo progresso do seu país. E uma vez mais o PRP-BR reconhece que esta dura luta tem sido conduzida pelo MPLA, organização em que vê a vanguarda do povo de Angola e o único Movimento que efectivamente o representa.

2. Os graves acontecimentos destes últimos dias em Angola e particularmente em Luanda, mostram-nos como se encontram conjugadas na sua ofensiva, em Portugal e no território angolano, as forças reaccionárias e imperialistas. Do 11 de Março até hoje, da mesma forma que pelo 28 de Setembro, o povo português e o povo angolano encontram-se, lado a lado, a combater o golpe dos mesmos reaccionários, a combater a mesma manobra do imperialismo que, na hora presente, ameaçam igualmente os dois povos e os dois países.

3. Esta situação impõe uma forte solidariedade. Perante o mesmo inimigo os dois povos encontram-se immanados. As duas frentes de luta travada completam-se e reforçam-se entre si. Em Portugal existe o 11 de Março mas a segunda linha da reacção ficou por se empenhar nesse golpe e pode estar pronta para tentar acabar o

que então não conseguiu. Em Angola, a FNLA, ponta de lança do imperialismo, organização reaccionária que mais não visa do que manter a exploração das massas trabalhadoras angolanas, desencadeia, mais uma vez, a intimidação, os espancamentos, a violência e os assassinatos. Mulheres, crianças, são vítimas desta nova ofensiva ao serviço dos reaccionários e do imperialismo. Altas autoridades portuguesas mostram-se complacentes e "neutrais" perante mais este crime da FNLA.

4. A Imprensa e a Rádio têm apresentado factos suficientes para que conheçamos toda a extensão da violência desencadeada. O PRP-BR coloca-se firmemente ao lado do povo angolano e do MPLA, e afirma estarem as lutas dos povos de Angola e de Portugal ligadas estreitamente entre si. De facto a independência completa de Angola passa também pelo avanço do processo revolucionário em Portugal. E, de igual forma, a luta dos trabalhadores portugueses pode ser também perdida em território angolano.

Morte aos reaccionários!
Morte ao imperialismo!
VIVA A SOLIDARIEDADE
ACTIVA ENTRE OS POVOS!

SECRETARIADO POLÍTICO
DO PRP-BR

MANIFESTAÇÃO CONTRA OS MASSACRES EM ANGOLA

Em consequência dos últimos acontecimentos em Luanda e no prosseguimento do seu comunicado do dia 25, a Casa de Angola convocou uma manifestação para as 18.30 do passado sábado, com concentração no Rossio.

Fazendo apelo ao apoio e solidariedade dos trabalhadores e revolucionários portugueses, a manifestação visava exprimir o repúdio pelos massacres de civis em Luanda levados a cabo pelo imperialismo — UPA/FNLA, pela tentativa (não só da parte dos outros movimentos de libertação) de isolar o MPLA.

Agrupando cerca de 3000 pessoas, a manifestação dirigiu-se, em cortejo compacto, para S. Bento subindo a rua do Carmo, e descendo pela Rua do Alecrim, para a Av. 24 de Julho e Av. D. Carlos I.

Ao longo do percurso foram gritadas palavras de ordem que acentuavam o carácter popular e representativo do MPLA — MPLA é o povo! o povo é o MPLA! — ou apontavam aqueles que, a todos os níveis, estão apostados em salvar Angola para o neo-colonialismo — "Morte à CIA"; "Os pides fora de Angola"; "Abaixo o imperialismo zaireense"; "Alto comissário fora de Angola"; "Coronel Almendra fora de Angola".

COMICIO EM S. BENTO

A manifestação transformou-se em comício frente à Assembleia Nacional. Nele foi lida uma mensagem da Junta de Coordenação Revolucionária da América

Latina de "solidariedade revolucionária para com, o povo angolano e sua organização de vanguarda que é o MPLA" e, mais uma vez, camaradas angolanos alertaram o povo português para o sinuoso processo de descolonização de Angola: a defesa do socialismo em Portugal não pode ser feita com a imposição do neo-colonialismo ao povo angolano.

ORGANIZAÇÕES POLITICAS E REVOLUCIONÁRIAS APOIAM

Desde o início várias organizações políticas e revolucionárias deram o seu apoio e convocaram os seus militantes e simpatizantes para a manifestação. Entre elas, a Organização Revolucionária italiana Lotta Continua e a delegação em Lisboa da Junta de Coordenação Revolucionária da América Latina. Viam-se no percurso bandeiras do M.I.R., E.L.N., E.R.P., e Tupamaros.

MAS A UDP E O MRPP NÃO APOIAM

Abordada no seu comício do Pavilhão dos Desportos pelo jornal "1.º de Maio" para que fosse feito através dos microfones a convocação dos seus simpatizantes para a manifestação, a UDP recusou. Alegaria junto da Casa de Angola que neste momento a luta que se trava é contra o imperialismo e contra o social-imperialismo e que o MPLA ainda não tinha definido concretamente a sua posição face ao social-imperialismo. Também o MRPP não deu o seu apoio, baseado em idêntica argumentação.

Enredados em estratégias doutros tempos e doutros lugares os maoistas portugueses vão enfiando o pé na argola das situações concretas, e se não acabarem, como faz a China, a apoiar a UPA-FNLA (Zaire, CIA, imperialismo



Carta de Tete

ABAIXO O FASCISMO NO

"Nós aqui em Tete, continuamos a viver sob um regime fascista. O comando aqui existente é anti-democrático. O soldado que aqui está vive oprimido e aterrorizado e porquê? Porque a linha do M.F.A. na democratização no exército, não foi aqui seguida".

Começa assim a carta que nos chegou às mãos, juntamente com o comunicado que mais abaixo se transcreve.

Trata-se da denúncia dos fascistas do comandante do quartel de Tete, em Moçambique, que pelos vistos não está muito disposto a "aberturas".

Para o ilustrar, seguem-se exemplos:

"Diariamente aqui, no ordem de serviços sai porradas, e todas elas prisão", "cito casos como: 4 soldados foram ao cinema tirar bilhetes num Jeep e foram encontrados pelo coronel Duarte Silva. "Este deu-lhes ordem de prisão e, aqui se encontram.

"Outra: a um soldado na rua de calções, com as meias um pouco descaídas e a barba de um dia. O coronel Duarte Silva mandou-o parar e disse-lhe: seu bandido, seu cabrão: isso são maneiras de andar bem uniformizado?

A guerra acabou mas as liberdades conquistadas com o 25 de Abril, continuam a não ser conhecidas em Tete, ou melhor, o comando continua a agir como dantes: usando e abusando da rígida disciplina militarista.

Ainda a título de exemplo, mas mais significativo que os anteriormente utilizados porque foi uma ordem "vinda de cima", refere o militar que escreveu a carta, que chegou a Tete uma nota dizendo que era permitido deixar crescer a barba e o cabelo. Pois essa nota foi camuflada e arquivada.

Mas o comunicado, assinado por um grupo de soldados que publicamos a seguir, que foi divulgado em Tete, trata mais profundamente os problemas do quartel.

Depois de fazer uma breve análise do 25 de Abril e de referir as lutas dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e dos soldados e marinheiros nos quartéis, pergunta a dada altura:

"Mas para nós que nos encontramos em Tete, será que os ventos da liberdade também cá chegarão? Bem sabemos que não. E há três razões fundamentais para isto:

— A primeira podemos atribuí-la à existência de grandes fascistas no Comando de Tete com o canalha D.S. à cabeça. Este carniceiro não há direitos que não espezinhe. Todos nós sabemos dos seus abusos

e da forma brutal com que ele actua. São as porradas constantes e o seu agravamento, é a maneira humilhante e ofensiva com que a todos trata, indo à própria violência física (caso do africano agredido por não se ter posto em sentido ao falar com ele). Em Portugal foi dada oficialmente autorização para se deixar crescer a barba e cabelo. Mas aqui o D.S. resolveu arquivar a nota, e abusando mais uma vez do poder obriga-nos a andar como ele bem entende.

Mas quem conferiu estes plenos direitos a este senhor? Em nome de quê calca ele os mais elementares direitos humanos? Afinal foi este patife que se gabou que se estivesse em Portugal, o 25 de Abril nunca se teria realizado. Mas além do D.S. é todo o seu grupinho de lame-botas e aqueles que copiando o exemplo do seu chefe abusam e se portam como bestas (caso Ten. Silva).

— A segunda razão é que a Comissão de Tete do MFA em vez de ser constituída por elementos progressistas e englobar também representantes das praças e dos sargentos, compõe-se apenas de oficiais sendo o Presidente o fascista Major Osório que ainda há pouco agrediu um Soldado com uma garrafa e que se recusa sempre a atender as praças quando se lhe dirigem. Mas se a Comissão do MFA daqui assim actua é porque foi eleita em reunião efectuada na messe de Oficiais e sem a participação de praças e sargentos, os quais também deveriam fazer parte da Comissão

— A terceira razão é a mais importante, é aquela que mais depende de nós. A nossa cobardia e desunião é decisiva. Não são os Comandantes que são barras porque têm força, mas se o são é porque nós não reagimos. Embora haja uma enorme revolta, a verdade é que nunca se sentiram ameaçados. Gozam de todo o à vontade para cometer os seus abusos, e se isto já era um atentado contra os nossos direitos antes do 25 de Abril, depois torna-se intolerável. Fascistas como o D. S. e seus amigos têm que ser corridos, não podem ocupar as funções que o regime fascista lhes conferiu.

Mas só a nossa união e as nossas acções colectivas serão de facto importantes.

Se um reagir é lichado, mas contra centenas o D.S. nada pode. Por isso e para já é preciso uma atitude colectiva que mostre a essa corja que estamos fartos deles, e que não queremos continuar a suportar as suas taras e frustrações.

Muitos de nós reaceirão tomar uma atitude porque estão a ir embora. Mas isto é errado pois se

assim procedermos acaba por tudo ficar na mesma. E a luta que aqui se trava é apenas continuação da que noutros lados se trava.

E termina o comunicado com as palavras de ordem que são as formas imediatas de luta pela democracia no quartel de Tete:

- Ninguém deve fazer a barba nem cortar o cabelo.
- Todos devem discutir este panfleto e estarem atentos à reacção do D.S. não permitindo os seus abusos.
- Abaixo o D.S. e todo o comando do CODCB.
- Abaixo o fascismo no Exército
- Unidos e organizados venceremos.



angola · angola · angola

OS ACONTECIMENTOS EM ANGOLA

COMUNICADO DA CASA DE ANGOLA

A situação em Angola neste momento caracteriza-se pela escalada das forças reaccionárias, orquestradas pela FNLA.

Esta escalada tem-se manifestado por intimidações físicas e violações domiciliárias, espancamentos da população civil, tentativas de assassinatos de elementos do MPLA representados no Governo de Transição, e mesmo assassinatos da população civil (incluindo mulheres e crianças). Todo este clima de violência, que se enquadra numa ampla manobra reaccionária tendente a frenar o avanço das forças progressistas e da sua vanguarda revolucionária o MPLA, tem-se verificado com a anuência expectante de algumas altas autoridades portuguesas actualmente em Angola, tais como o comandante do sector militar de Luanda tenente-coronel Almeida e do próprio Alto Comissário Português em Angola, brigadeiro Silva Cardoso, cuja passividade e o falso neutralismo contribuem objectivamente para o avanço das forças contra-revolucionárias. Apesar do comunicado conjunto, emitido anteontem pelo Estado-Maior Unificado a escalada da violência continua:

Ontem, a FNLA, por volta das 15 horas metralhou a casa do Secretário de Estado para o

Trabalho (MPLA), provocando prejuízos materiais de grande monta. Simultaneamente tomaram posições por cima do andar onde habita o camarada Lopo do Nascimento, Primeiro-Ministro do Colégio Presidencial, numa atitude nitidamente provocatória e com intuídos agressivos.

No bairro do Sargento Rodrigues, reservado aos ministros, guerrilheiros da FNLA tomaram posições junto da residência do Ministro do Planeamento e Finanças, camarada Sayd Mingas, com intenções de o assassinar, espancando um militante do MPLA, em frente da mesma, da forma mais bárbara e assassina.

Ontem, em reunião de ministros, o Ministro do Interior Ngola Kabango exibiu uma arma de fogo, ameaçando declarar o estado de guerra. Posteriormente, abandonou a sala de reuniões, voltando depois em companhia de um guerrilheiro armado de metralhadora, ameaçando de morte o camarada Ministro Lopo do Nascimento (MPLA); tudo isto depois de ter transpostos a guarda palaciana constituída por elementos das Forças Armadas Portuguesas e Polícia.

No Largo da Mutamba uma senhora branca atirou da janela de

um quinto andar uma crinaça negra que teve morte imediata. Ante a manifestação de populares apareceu uma patrulha da FNLA que carregou sobre os manifestantes, tendo feito vários feridos.

Pela primeira vez, no caso acima referido, entrevistaram as forças Armadas Portuguesas com alguns carros blindados. Os muçucas Sambizanga, Lixeira e Cassequele, a FNLA continua a violar domicílio de populações afectas ao MPLA, espancando-as indiscriminadamente.

Hoje, no funeral do militante do MPLA, ANTÓNIO GASPFR FRANCISCO, a FNLA disparou sobre o cortejo fúnebre, tendo ferido várias pessoas. A população reagiu atacando o quartel do FNLA situado defronte do Cemitério, causando 3 mortos.

Às 23 horas do dia 25 do corrente ainda se ouviam tiros de metralhadora em quase toda a cidade. Continua a escalada da violência.

Liisboa, às 24 horas de 25 de Março de 1975

CASA DE ANGOLA

angola · angola · angola

OCUPAÇÃO DE TERRAS NA AZÓIA

Conversa com membros da Comissão Agrícola da Azóia.

Na Azóia os trabalhadores tomaram em mãos o destino das terras do Xavier de Lima e no desenrolar desse processo têm usado métodos representativos e democráticos. Para conhecer o processo da Azóia, uma delegação do Revolução do Núcleo de Santana (Sesimbra) deslocou-se aquela aldeia para entrevistar a Comissão Agrícola.

REVOLUÇÃO: Como estão as coisas por aqui?

1.º entrevistado- Um dos problemas que nós temos aqui é que queríamos a Escola antiga para podermos reunir mas agora já há muitos anos que aquilo está a servir de capela porque eles (os padres) abandonaram a Igreja lá do Cabo. Nos também reuníamos na Escola Nova mas o pessoal vem do trabalho na terra e suja aquilo e os professores não querem, porque precisam de dar as aulas.

Nós queríamos então era a Escola antiga para a gente se unir uns com os outros e pensamos que aquilo no futuro se a gente for para a frente, será para a cooperativa.

O X. de Lima tem aqui talvez cerca de uns 500 hectares de terreno, que é isso que a gente tem andado a trabalhar, já mandámos para o I.R.A. para Lisboa amanhã vêm cá outra vez os engenheiros do I.R.A. para nos mostrarem uns filmes sobre como se fazem as cooperativas, para nós ficarmos a compreender melhor o que é uma cooperativa.

2.º Entrevistado- Acerca aqui do que o meu camarada disse sobre o X. de Lima. Há aqui umas casas do Lima que até poderão ser boas (é um casão comprido) para a criação de gado, e se houver possibilidades aquilo é muito importante para o povo, pois aquilo está abandonado e talvez tenha os seus 10 a 12 metros de comprido.

REVOLUÇÃO: Como começou o processo aqui na Azóia? Como se formou a Comissão Agrícola da Azóia?

1.º Entrevistado começou por irmos a Lisboa lá falar e vieram cá três engenheiros por causa dos terrenos que estavam abandonadas e que nós queríamos semear, mas houve uma série de três homens que começaram a fazer reacção contra o que a gente estava a trabalhar.

Nós fomos ter com todos os rendeiros das propriedades que havia antes do X. de Lima comprar os

terrenos porque este depois de comprar pôs tudo de lá para fora e indemnização não deu a ninguém e agora estamos a ver se conseguimos ir para a frente.

2.º entrevistado- Os engenheiros quando vieram cá acharam muito justo a gente querer semear aquilo que já semeamos há oito ou dez anos. A propriedade do Facho dá para uma razão de 200 meios de pão (cevadas e trigos por ano) a do casal dos Monucos dava cerca de 200 perto de 300 e agora está inculco.

Os eng. vieram cá fizeram um estudo, um apanhado da coisa, reuniram connosco e agora voltam cá novamente para nos mostrarem como é a formação de uma cooperativa. A gente acha muito bem que os eng. neste aspecto estejam connosco; no que diz respeito à agricultura, nós queremos fazer uma cooperativa com a ajuda do Estado pois nós não temos nada, precisamos de adubos, máquinas, gado etc. Aqui são tudo pequenos agricultores, uns semeiam um saco de pão outros dois, é tudo pequenos agricultores. Nós queremos fazer um grupo e não a divisão do terreno

1.º entrevistado- pensamos que poderá ser mais ou menos um grupo à cabeça da coisa com todos os que queiram fazer a cooperativa e depois como há sempre aqueles que têm o seu pedacito de terra, a sua vinha que não querem largar, nós formamos uma liga para emprestar material a esses agricultores. Todos aqueles que de princípio não se queiram juntar a nós podem estar nessa liga mas depois se quiserem podem juntar os terrenos. Se não quiserem poderão estar na liga que servirá para lhes emprestar material, adubos, etc.

2.º entrevistado- São estes os problemas que a gente anda agora a discutir. Somos quase todos analfabetos só dois é que têm a quarta classe, mas vamos a ver se esta coisa vai para a frente. Os terrenos eram do Ramada Curto e isto é um problema que agrava toda a zona.

1.º entrevistado- Nós sobre os terrenos de X. de Lima estamos a colaborar com a C. de Trabalhadores; fomos lá falar com eles e no dia em que vieram cá os eng. do I.R.A. vieram também quatro indivíduos lá dos escritórios do X. de Lima. Também foram a Lisboa connosco e estão muito satisfeitos com o que a gente quer fazer aqui. Ainda não chegamos a nenhuma

conclusão sem a comissão de inquérito acabar o trabalho. Eles têm que decidir o que hão-de fazer. Quem é que toma conta dos terrenos.

REVOLUÇÃO: Vocês já pensaram em mais actividades da cooperativa?

1.º entrevistado- Não ainda não pensamos muito bem nisso tudo, mas se for possível com base na agricultura montar aqui uma coisa para venda de géneros alimentícios, que venda mais em conta aqui para o pessoal não só da cooperativa mas dos que vivem da agricultura. E depois com o seguimento da cooperativa vamos lá a ver se poderemos fazer outras coisas. Por agora ainda não sabemos bem como é que ela vai funcionar, mas depois logo se verá.

2.º entrevistado- Nós começámos a pensar em deitar mão aos terrenos e nem sequer tínhamos pensado na cooperativa. Depois lá no I.R.A. é que eles nos indicaram que a cooperativa era a melhor maneira de tomar conta dos terrenos.

Nós juntámos cá todos, fizemos uma reunião de toda a população. Na mesa estavam uns rapazes os da Comissão da Aldeia que era a comissão da Água que foi formada por umas 20 pessoas para irem à Câmara dizer que a gente precisava de água e lá desses 20 escolheram-se 5 para representar todos, não foram portanto eleitos pelo povo. Esta comissão já não se mantém toda, já houve um elemento que saiu, ele era um parasita do X. de Lima que agora está à rasca e anda sempre a fazer reacção à ideia com que a gente está.

Nessa reunião da população toda aqui da Aldeia a gente foi a votos e elegemos então aqui Comissão Agrícola da Azóia.

REVOLUÇÃO: Vocês já sabem como é que vão ficar com os terrenos?

Entrevistado- Nós já pensamos nisso mas ainda não sabemos muito bem se os terrenos são entregues à cooperativa ou se é o Estado que os nacionaliza e entrega à cooperativa, se depois são arrendados, ainda não sabemos as coisas acerca disso.

2.º entrevistado- Nós já temos discutido também o caso de alguns falharem e pensamos que temos que nós amparar uns aos outros, mas se algum falhar e se quiser levar a água lá para o seu moinho a

gente tem que explodir porque aqui o que interessa são os interesses da população aqui da aldeia.

opiniões, as suas ideias mas aqui quem manda somos nós. É a vontade aqui da população.

Nós pensamos que a cooperativa se deve alargar a todo o concelho, pensamos que isto se deve alargar, que nos devemos unir todos e que devem ser todos eleitos pela população, serem da vontade da população.

REVOLUÇÃO: Aqui há muito desemprego?

1.º Entrevistado: Bem, aqui se não fossem as terras andávamos todos desempregados. Tivemos que nos virar para as terras, agora ainda andam aí uns homens que estavam na construção civil e que estão desempregados e uns rapazes novos.

2.º Entrevistado- estas casas que obrigam o pessoal a dar horas extraordinárias deviam ser proibidas de fazer isso, para que pudessem entrar mais homens para trabalhar.

Eu também tenho aqui um irmão que trabalha numa britadeira e que se recusou a fazer horas ex-

traordinárias e disse-lhes: se vocês têm aqui 20 homens a trabalhar e se ainda há tantos homens desempregados porque é que vocês não metem mais 5 ou 10 homens, porque eu ganho as minhas 8 horas para comer e outros também têm esse direito. Eles com falta de gente a pedirem para os trabalhadores fazerem horas extraordinárias e tanta gente sem emprego, com fome, isto devia acabar e especialmente esses das empresas grandes como a Cuf, Lis nave, Setenave, Siderurgia, eu sei lá tantas, porque é que eles não reduzem as horas de trabalho um bocadinho, acabam com as horas extraordinárias e dão trabalho a tanta gente que precisa.

Assim falam os trabalhadores da Azóia, aldeia próxima de Santana onde, como em muitos outros sítios, aqueles que trabalham conquistaram a terra aos que não trabalham. Deste modo se cria um novo poder, que se baseia nas comissões eleitas pelos trabalhadores, sejam eles de grandes empresas com milhares de operários ou de pequenas regiões rurais. Cada um tem uma vontade e uma opinião a exprimir. Todos têm que ser ouvidos a vontade tem que ser colectiva.

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS DO 11 DE MARÇO NO GDACI (MONSANTO)

11 Horas — Entrada em prevenção rigorosa

11.15 — Contactado o Copcon. — Ocupação da antena da RTP, com afastamento dos elementos da GNR, até chegada dos reforços do RIOG.

— Montagem de barreiras nas estradas de acesso a Monsanto.

12.15 — Um grupo de oficiais e sargentos progressistas tomam medidas, perante o ataque da reacção, e contactando os soldados da Polícia Aérea, que logo arderam.

— Montagem dum dispositivo de segurança de modo a impedir a avançada dos reacçãoários. A pedido dos sargentos de serviço de

qual a posição que tomariam o chefe do Estado Maior e outros oficiais que aí se encontravam.

14.30 — Surge uma coluna de blindados dos da GNR, que pretendiam ocupar as instalações da RTP. Retiram-se em pânico, provocando a colisão de algumas viaturas, perante a firmeza dos militantes presentes.

15.00 Horas — Confirmação de que o Chefe do Estado Maior e outros oficiais eram fiéis ao Movimento.

as lutas dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores

COMUNICADO DA CÉLULA DA SETENAVE DO PRP-BR

Os acontecimentos ultimamente vividos no Estaleiro estão na origem de uma série de manobras divisionistas provocadas pelo capital e apoiadas por elementos reaccionários devidamente identificados como fiéis lambe-botas e aliados do patrão.

A burguesia capitalista sabendo que tem os dias contados, ataca a classe operária numa forma repressiva, como em 28 de Setembro e 11 de Março, ou de uma forma subtil, como tem acontecido ultimamente com a sabotagem à justa luta dos operários da LISNAVE-SETENAVE pela redução do leque salarial.

A conquista da redução do leque salarial (de 11 para 3 categorias) representa um passo importante no avanço da unidade da classe operária, condição indispensável na luta contra o capital e seus aliados.

A questão é de vida ou de morte, neste momento em Portugal.

Ou os operários avançam unidos e organizados na sua luta contra o capital, não admitindo infiltrações no seu processo, habituais divisionistas e traidores da classe transformando esta luta em mais uma vitória da classe operária, ou o patrão e seus lacaios mais uma vez tentarão desmobilizar a classe, desviando-a dos seus objectivos de luta anti-capitalista.

Que pretendem esses divisionistas que sistematicamente sabotam as lutas operárias?

Acima de tudo pretendem destruir o CONSELHO DE TRABALHADORES DA SETENAVE, que é organização verdadeiramente representativa dos trabalhadores, para que dessa forma o capital, aumente a exploração e opressão sobre a classe operária.

Ao convidarem o M.F.A. para darem uma sessão de esclarecimento, nas vésperas de uma Assembleia geral de trabalhadores onde seria discutida a redução do leque salarial pretendiam esses divisionistas anular a realização dessa Assembleia geral.

Neste momento os operários devem exigir a resposta às seguintes perguntas.

— Quem convidou os elementos do M.F.A. para a sessão de esclarecimento?

— Porque razão é que só no próprio dia se deu conhecimento aos trabalhadores da realização dessa sessão de esclarecimento?

— Quem está por detrás de todas estas manobras?

Os acontecimentos ultimamente verificados devem servir para a classe operária retirar importantes lições. A mais importante sem dúvida é aquela que demonstrou que só unidos e organizados é possível lutar contra o capital. Perante tais manobras a classe operária agiu de forma correcta ao exigir uma reunião onde foi discutida e aprovada a redução do leque salarial.

A grave situação económico-política que atravessamos, a instabilidade do poder, a impossibilidade de estabilização de uma democracia burguesa, a escalada da reacção tentando eliminar as forças revolucionárias que se lhe opunham, levam-nos mais uma vez a dizer que todos os explorados soldados, marinheiros e oficiais revolucionários cerrem fileiras em torno da classe operária, vanguarda revolução dos trabalhadores, pelo fim da exploração do homem pelo homem, pela Revolução Socialista.

VIVA A UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA! VIVA A DITADURA DO PROLETARIADO! VIVA O COMUNISMO!

Célula da Setenave do P.R.P.-B.R.

COLÉGIO BROTERO

— "A nossa situação era verdadeiramente insuportável. Dos 17 trabalhadores que cá existem só três estão sindicalizados, nenhum está abrangido pela Caixa de Previdência, trabalhando uma média de 13 horas diárias, pelas quais recebiam cerca de 600\$00 mensais. Há mesmo um funcionário com 69 anos de idade e 20 de casa, que pelas 24 horas de trabalho diárias, recebe 350\$00 por mês. Apesar de comermos e dormirmos cá (se assim não fosse já tínhamos morrido há muito), somos na mesma vítimas de uma sobre-exploração, pois nem metade do ordenado estabelecido no contrato colectivo de trabalho recebemos.

Outro trabalhador prossegue: Além de tudo o que o meu camarada acaba de contar, há ainda o problema de nos batermos contra uma administração fascista e colonialista. Basta dizer que um dos sócios vive de umas fazendas que tem em Angola; outro, é director clínico de quatro hospitais, médico da PSP e dos Seguros Pátria; o terceiro é o advogado José da Silva, sócio de dois colégios, ex-deputado pela ANP na Assembleia Nacional fascista e dirigente da antiga Mocidade Portuguesa; o último é secretário geral de finanças. Convém ainda dizer que muitas das aulas dadas por nós eram recebidas por um dos sócios, o José da Silva, que frequentemente abandonava as reuniões com os trabalhadores para ir ter com diplomatas à embaixada dos imperialistas americanos. Este senhor tem ainda cinco filhos que frequentam o Colégio e nunca pagaram nada. E são estes os indivíduos que se dizem "democratas desde o berço".

REVOLUÇÃO: Foi por todas estas razões que resolveram desencadear a luta, não é verdade?

Sim. Como tudo aqui é ilegal desde a situação em que se encontram os trabalhadores até aos desvios de dinheiro, passando pelo internato e pelos transportes, resolvemos, no dia 11 de Janeiro, realizar uma Assembleia Geral de Trabalhadores onde foi eleita uma Comissão de Trabalhadores de três elementos. Exigimos: cumprimento integral do Contrato Colectivo de Trabalho, saneamento de um administrador e legalização do Colégio. Expusemos a situação aos professores, alunos e pais, que nos compreenderam e se solidarizaram connosco, e apresentamos à administração um regulamento de gestão que Não foi aceite, porque eles não queriam pagar os ordenados. Comunicamos o caso ao Ministério do Trabalho e aos sindicatos que não queriam acreditar. Na reunião com o Ministério do Trabalho só um dos sócios, que teve o descaramento de dizer que eram os empregados que arruinavam a empresa, sendo a administração que desviava o dinheiro através de empréstimos pessoais dos sócios à firma, cujos lançamentos nem facturas aparecem.

REVOLUÇÃO: Pensam que um colégio como este poderia existir em sociedade socialista?

É evidente que não. Passaria a ser uma escola para todos e não para os filhos de meia dúzia de capitalistas, pois estes deixariam de existir, e todo o controle seria feito pelos trabalhadores.

2.º O imediato julgamento revolucionário com total conhecimento para as massas não presentes:

2.3. Fuzilamento imediato para todos os implicados na intenciona reaccionária (de 28 de Setembro e 11 de Março) e que os seus bens revertam, depois de expoliados, a favor dos deficientes das Forças Armadas.

Que se alerte a população para manter vigilante, especialmente os trabalhadores bancários, pois os capitalistas tentarão assaltar os mesmos, pois há-de-lhes faltar dinheiro para as suas investidas reaccionárias."

Morte ao capitalismo e ao fascismo — Revolução Socialista

EXIJAMOS O ESCLARECIMENTO DO 28 DE SETEMBRO E DO 11 DE MARÇO

É necessário que seja tornado público todo o processo do 28 de Setembro e do 11 de Março. É necessário que não haja mais segredinhos à volta disto.

É necessário desmascarar os reaccionários e não mais lhes dar cobertura.

Assim, recebemos do Sindicato dos Contínuos e Porteiros uma moção aprovada por trabalhadores daquela organização:

...2.1. Que, como não se pode dissociar este golpe do 28 de Setembro, seja no mais breve espaço de tempo possível, dado conhecimento público do inquérito feito ao mesmo, como igualmente o resolveu o MFA.

2.2. O imediato julgamento revolucionário com total conhecimento para as massas não presentes:

2.3. Fuzilamento imediato para todos os implicados na intenciona reaccionária (de 28 de Setembro e 11 de Março) e que os seus bens revertam, depois de expoliados, a favor dos deficientes das Forças Armadas.

Que se alerte a população para manter vigilante, especialmente os trabalhadores bancários, pois os capitalistas tentarão assaltar os mesmos, pois há-de-lhes faltar dinheiro para as suas investidas reaccionárias."

Morte ao capitalismo e ao fascismo — Revolução Socialista

OS TRABALHADORES VENCERÃO

O Plenário de Delegados sindicais do Sindicato dos C., P. e P.S. reunidos no dia 14 de Março

SANEAMENTO NA CARRIS

Os trabalhadores da Carris não consentem que as suas decisões tomadas em Plenário Geral de Trabalhadores, sejam desrespeitadas.

Recebemos um comunicado em que os trabalhadores tomaram posição relativamente ao saneamento de indivíduos que já tinham sido saneados; a administração tentou colocá-los novamente na empresa. Os trabalhadores responderam com a expulsão.

"Os trabalhadores de St.º Amaro, ao tomarem conhecimento desta decisão da entidade patronal, considerando-a altamente provocatória e atentória à sua dignidade, reagiram prontamente, exigindo à administração a saída imediata do Eng.º Carlos Ferreira e Agente Técnico Mário Correia. Ao mesmo tempo exigiram que os indivíduos saneados não tornassem a pôr o pé nas instalações da Empresa, mas que esta atitude não obrigasse a Companhia ao pagamento de qualquer indemnização.

Na sequência destes factos gerou-se um clima de eferescência e os trabalhadores chegaram mesmo a expulsar das instalações da Carris o Agente Técnico Mário Correia."

Nun plenário convocado para tratar deste assunto, os trabalhadores aprovaram a seguinte moção:

1.º Que os indivíduos saneados não ponham os pés dentro das instalações da Empresa e, que não lhes seja paga qualquer indemnização ou salário;

2.º Que os factos corridos sejam amplamente divulgados ao País através dos órgãos de Informação".

A NACIONALIZAÇÃO DOS SEGUROS

Entrevistamos trabalhadores dos seguros que nos falaram acerca das empresas de seguros e da sua nacionalização

REVOLUÇÃO: Fala-nos do que foram os seguros até esta data.

Resposta— Os Seguros não eram utilizados ao serviço da população, mas sim ao serviço dos monopólios.



Serviários mais para um fundo de investimento na bolsa e na aquisição de imóveis. Ainda havia companhias que faziam especulação na compra e venda de terrenos.

Posso dar um exemplo a nível do seguro automóvel, de como as empresas do monopólio beneficiavam das companhias de seguros. Havia uma tarifa de 1973 que era aplicada a qualquer pessoa que vinha fazer o seguro do automóvel, isso dava mais ou menos entre 3 a 4 contos. Havia um auto-tanque da Sacor que estava segurado contra todos os riscos e pagava precisamente a mesma coisa, porque aplicavam tarifas de 1936. Claro que quem pagava a diferença era o segurado que aqui aparecia.

Há companhias que nunca tiveram industriais. Um caso flagrante foi o da Impepio que apresentava sempre prejuízo.

Claro que havia grande movimentação de fundos, mas como eles eram desviados para a especulação na bolsa e para a compra dos terrenos, no fim do ano apresentavam sempre prejuízo.

Há uma coisa muito importante relativamente aos acidentes no trabalho em que havia atropelos de toda a ordem. Eram os próprios trabalhadores de seguros a enganarem outros trabalhadores.

Invocava-se leis e cláusulas para se dizer que o trabalhador não tinha razão para reclamar. Os postos clínicos eram mon-

COMUNICADO À CLASSE OPERÁRIA E A TODOS OS TRABALHADORES DA TAP

1 — O 11 de Março, tal como o 28 de Setembro, vieram demonstrar quem, neste país, está do lado da reacção ou objectivamente a favorece, e quem está do lado das forças progressistas e quer fazer avançar o processo revolucionário.

Os trabalhadores da TAP já antes do 25 de Abril haviam demonstrado de que lado estavam, pelas lutas anticapitalistas que travaram. O mesmo não se pode dizer claramente das organizações políticas, que reivindicando-se da classe operária, nos caluniaram assim como a outros trabalhadores, pois a sua linha reformista/eleitoralista (de colaboração de classes) outra coisa não é que uma política de traição à classe operária e aos objectivos de classe do proletariado.

Spinola e Sanches Osório, dois refinados reaccionários com quem o reformismo/revisionismo se aliou contra nós, já deixaram bem claro para todos de que lado estavam. Quem tinha razão? Nós, que nos organizávamos e lutávamos contra o capitalismo, ou aqueles que aliando-se a Spinola e Sanches Osório sabotavam e traíam as nossas lutas?

2 — A nacionalização da Banca e dos Seguros são passos positivos no sentido do socialismo, mas, se actos isolados, nada resolverão. Por outro lado, não se pode ficar pelas simples nacionalizações, pois então iríamos cair num capitalismo de Estado. Para que se avança decisivamente no sentido do socialismo é indispensável nacionalizar todos os grandes meios de produção e troca e passar o controle político e económico da vida nacional para a mão dos trabalhadores, com a classe operária à cabeça.

3 — Neste contexto se enquadra a luta dos trabalhadores da TAP.

Os trabalhadores da TAP, representados pela sua C. S., e após estudos feitos, concluíram ser possível à Empresa satisfazer a verba por nós reivindicada, caso ela fosse convenientemente gerida. O Governo contrapôs 60.000 contos, alegando não haver recursos para mais, mas desconhecendo completamente a má gestão e o boicote económico.

Tendo conhecimento posterior destes factos (fornecidos pela C. S.), o Governo mantém-se intransigente, revelando um total desprezo pelas justas aspirações dos trabalhadores. Lembramos aqui que a intransigência do Governo em relação a nós se mantém dos tempos em que era ministro o fascista Sanches Osório (amigo do Sr. Moura Pinto, ex-presidente da C. A. da TAP, que fez todos os esforços para a militarização da empresa).

Surge, entretanto, listas para recolha de assinaturas, em concordância com a verba proposta pelo Governo, desprezando as decisões tomadas em plenário, e desprezando mais uma vez a linha divisionista/reformista a vontade de quebrar a unidade dos trabalhadores e tentar conciliar os mesmos com o Capital.

O CORT lembra aos trabalhadores TAP que é a classe burguesa (ou que com ela se identifica) que, fazendo o jogo do Capital, mais se tem distinguido nos plenários a favor da aceitação da esmola governamental.

NÃO ÀS ESMOLAS DO GOVERNO! PELA SATISFAÇÃO DAS NOSSAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES! PELA ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DA CLASSE OPERÁRIA!

VIVA A CLASSE OPERÁRIA! VIVA O COMUNISMO!

Lisboa, 25 de Março de 1975.

C. O. R. T. (Comité de Organização Revolucionária na TAP)



VIGILÂNCIA (igual a) REPRESSIONÃO?

Os trabalhadores contínuos e porteiros denunciam num seu comunicado, como o capitalismo dá preferência a elementos da G.N.R. e da P.S.P. para exercerem a sua profissão.

Num jornal diário apareceram estes anúncios:

"GUARDA Precisa-se para serviço nocturno,

preferência CNR ou PSP. Resposta com referência ao Rossio 11."

Os trabalhadores analisam a situação num seu comunicado "Camaradas:

1.º As empresas de vigilância são as tais que vendem mão-de-obra. Mais concretamente vendem o trabalhador a outras empresas a onde vão prestar serviços.

remuneração desejada ao Rossio 11, ao n.º 3375"

2.º O Sindicato dos Contínuos e Porteiros, tem travado grandes lutas afim de garantir dentro das mesmas aos trabalhadores uma situação mais condizente com o momento revolucionário actual no nosso país.

Camaradas: Continuam forças militarizadas, a serem os guarda-costas dos capitalistas, faltando-se assim ao respeito, aos verdadeiros trabalhadores."

as lutas dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores

COMUNICADO

DA CÉLULA DA SETENAVE DO PRP-BR

Os acontecimentos ultimamente vividos no Estaleiro estão na origem de uma série de manobras divisionistas provocadas pelo capital e apoiadas por elementos reaccionários devidamente identificados como fiéis lambe-botas e aliados do patrão.

A burguesia capitalista sabendo que tem os dias contados, ataca a classe operária duma forma repressiva, como em 28 de Setembro e 11 de Março, ou de uma forma subtil, como tem acontecido ultimamente com a sabotagem à justa luta dos operários da LISNAVE-SETENAVE pela redução do leque salarial.

A conquista da redução do leque salarial (de 11 para 3 categorias) representa um passo importante no avanço da unidade da classe operária, condição indispensável na luta contra o capital e seus aliados.

A questão é de vida ou de morte, neste momento em Portugal.

Ou os operários avançam unidos e organizados na sua luta contra o capital, não admitindo infiltrações no seu processo, habituais divisionistas e traidores da classe transformando esta luta em mais uma vitória da classe operária, ou o patrão e seus lacaios mais uma vez tentarão desmobilizar a classe, desviando-a dos seus objectivos de luta anti-capitalista.

Que pretendem esses divisionistas que sistematicamente sabotam as lutas operárias?

Acima de tudo pretendem destruir o CONSELHO DE TRABALHADORES DA SETENAVE, que é organização verdadeiramente representativa dos trabalhadores, para que dessa forma o capital, aumente a exploração e opressão sobre a classe operária.

Ao convidarem o M.F.A. para darem uma sessão de esclarecimento, nas vésperas de uma Assembleia geral de trabalhadores onde seria discutida a redução do leque salarial pretendiam esses divisionistas anular a realização dessa Assembleia geral.

Neste momento os operários devem exigir a resposta às seguintes perguntas.

— Quem convidou os elementos do M.F.A. para a sessão de esclarecimento?

— Porque razão é que só no próprio dia se deu conhecimento aos trabalhadores da realização dessa sessão de esclarecimento?

— Quem está por detrás de todas estas manobras?

Os acontecimentos ultimamente verificados devem servir para a classe operária retirar importantes lições. A mais importante sem dúvida é aquela que demonstrou que só unidos e organizados é possível lutar contra o capital. Perante tais manobras a classe operária agiu de forma correcta ao exigir uma reunião onde foi discutida e aprovada a redução do leque salarial.

A grave situação económico-política que atravessamos, a instabilidade do poder, a impossibilidade de estabilização de uma democracia burguesa, a escalada da reacção tentando eliminar as forças revolucionárias que se lhe opunham, levam-nos mais uma vez a dizer que todos os explorados soldados, marinheiros e oficiais revolucionários cerrem fileiras em torno da classe operária, vanguarda revolucionária dos trabalhadores, pelo fim da exploração do homem pelo homem, pela Revolução Socialista.

VIVA A UNIDADE REVOLUCIONÁRIA DA CLASSE OPERÁRIA! VIVA A DITADURA DO PROLETARIADO! VIVA O COMUNISMO!

Célula da Setenave do P.R.P.-B.R.

COLÉGIO BROTERO

"A nossa situação era verdadeiramente insuportável. Dos 17 trabalhadores que cá existem só três estão sindicalizados, nenhum está abrangido pela Caixa de Previdência, trabalhando uma média de 13 horas diárias, pelas quais recebiam cerca de 600\$00 mensais. Há mesmo um funcionário com 69 anos de idade e 20 de casa, que pelas 24 horas de trabalho diárias, recebe 350\$00 por mês. Apesar de comermos e dormirmos cá (se assim não fosse já tínhamos morrido há muito), somos na mesma vítimas de uma sobre-exploração, pois nem metade do ordenado estabelecido no contrato colectivo de trabalho recebemos.

Outro trabalhador prossegue: Além de tudo o que o meu camarada acaba de contar, há ainda o problema de nos batermos contra uma administração fascista e colonialista. Basta dizer que um dos sócios vive de umas fazendas que tem em Angola; outro, é director clínico de quatro hospitais, médico da PSP e dos Seguros Pátria; o terceiro é o advogado José da Silva, sócio de dois colégios, ex-deputado pela ANP na Assembleia Nacional fascista e dirigente da antiga Mocidade Portuguesa; o último é secretário geral de finanças. Convém ainda dizer que muitas das aulas dadas por nós eram recebidas por um dos sócios, o José da Silva, que frequentemente abandonava as reuniões com os trabalhadores para ir ter com diplomatas à embaixada dos imperialistas americanos. Este senhor tem ainda cinco filhos que frequentam o Colégio e nunca pagaram nada. E são estes os indivíduos que se dizem "democratas desde o berço".

REVOLUÇÃO: Foi por todas estas razões que resolveram desencadear a luta, não é verdade?

Sim. Como tudo aqui é ilegal desde a situação em que se encontram os trabalhadores até aos desvios de dinheiro, passando pelo internato e pelos transportes, resolvemos, no dia 11 de Janeiro, realizar uma Assembleia Geral de Trabalhadores onde foi eleita uma Comissão de Trabalhadores de três

elementos. Exigimos: cumprimento integral do Contrato Colectivo de Trabalho, saneamento de um administrador e legalização do Colégio. Expusemos a situação aos professores, alhos e pais, que nos compreenderam e se solidarizaram connosco, e apresentamos à administração um regulamento de gestão que Não foi aceite, porque eles não queriam pagar os ordenados. Comunicamos o caso ao Ministério do Trabalho e aos sindicatos que não queriam acreditar. Na reunião com o Ministério do Trabalho só um dos sócios, que teve o descaramento de dizer que eram os empregados que arruinavam a empresa, sendo a administração que desviava o dinheiro através de empréstimos pessoais dos sócios à firma, cujos lançamentos nem facturas aparecem.

REVOLUÇÃO: A que conclusões chegaram nessas reuniões?

Ficou decidido que o Ministério do Trabalho e os Sindicatos farão uma sindicância ao Colégio, tendo-nos recusado a receber os miseráveis ordenados de Fevereiro.

O que nós queremos é trabalhar, e lutaremos até final pelo direito ao trabalho, o mais elementar direito da humanidade. Para tal, gostávamos que o Colégio fosse nacionalizado, sob controle dos trabalhadores. Fizémos um inquérito onde apurámos que o povo da Foz precisa do Brotero, mas quando o Brotero deixar de ser para aristocratas. Uma das nossas aspirações era fundar aqui um Centro de Cultura Popular para filhos de pobres, sobretudo emigrantes. Quefemos acabar com a distinção de classes. Esse Centro seria para os filhos do povo. Eu sou contra as classes e quero que elas acabem

REVOLUÇÃO: Pensam que um colégio como este poderia existir em sociedade socialista?

É evidente que não. Passaria a ser uma escola para todos e não para os filhos de meia dúzia de capitalistas, pois estes deixariam de existir, e todo o controle seria feito pelos trabalhadores.

VIGILÂNCIA (igual a) REPRESSÃO?

Os trabalhadores contínuos e porteiros denunciaram num seu comunicado, como o capitalismo dá preferência a elementos da G.N.R. e da P.S.P. para exercerem a sua profissão.

Num jornal diário apareceram estes anúncios:

"GUARDA Precisa-se para serviço nocturno,

preferência CNR ou PSP. Resposta com referência ao Rossio 11."

GUARDA DE NOITE Precisa-se para moradia em Lisboa, das 21 horas às 9 horas da manhã seguinte, todos os dias. Prefere-se reformado da GNR ou PSP. Resposta com referência, idade e

remuneração desejada ao Rossio 11, ao n.º 3375'

Os trabalhadores analisam a situação num seu comunicado "Camaradas: 1.º As empresas de vigilância são as tais que vendem mão-de-obra. Mais concretamente vendem o trabalhador a outras empresas a onde vão prestar serviços.

2.º O Sindicato dos Contínuos e Porteiros, tem travado grandes lutas afim de garantir dentro das mesmas aos trabalhadores uma situação mais condizente com o momento revolucionário actual no nosso país.

Camaradas: Continuum forças militarizadas, a serem os guarda-costas dos capitalistas, faltando-se assim ao respeito, aos verdadeiros trabalhadores."

EXIJAMOS O ESCLAM DO 28 DE E DO 11

É necessário que seja tornado tembro e do 11 de Março. É necessária a desmascaração da abertura.

Assim, recebemos do Sindicato aprovada por trabalhadores daq

...2.1. Que, como não se pode o seja no mais breve espaço de público do inquérito feito ao mesn

2.2. O imediato julgamento re para as massas não presentes:

2.3. Fuzilamento imediato para cionária (de 28 de Setembro e vertam, depois de expoliados, a madas.

Que se alerte a população para trabalhadores bancários, pois os mos, pois há-de-lhes faltar din cionárias."

Morte ao capitalismo e ao fascis

OS TRABALHADORES VENCEM

O Plenário de Delegados sindicais no dia 14 de Março

SANEAMENTO

Os trabalhadores da Carris não o das em Plenário Geral de Trabalh

Recebemos um comunicado enção relativamente ao saneamento dos; a administração tentou colocar balhadores responderam com a e

"Os trabalhadores de St.ª Am decisão da entidade patronal, cor atentória à sua dignidade, rea ministration a saída imediata do E Mário Correia. Ao mesmo tempo não tornassem a pô r o pé nas inst tude não obrigasse a Companhia demnização.

Na sequência destes factos ger trabalhadores chegaram mesmo a Agente Técnico Mário Correia."

Num plenário convocado para t aprovaram a seguinte moção:

"1.º Que os indivíduos sanea instalações da Empresa e, que não ou salário;

2.º Que os factos corridos sejam vés dos órgãos de Informação".

as lutas dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores

A NACIONALIZAÇÃO DOS SEGUROS

Entrevistamos trabalhadores dos seguros que nos falaram acerca das empresas de seguros e da sua nacionalização

REVOLUÇÃO: Fala-nos do que foram os seguros até esta data.

Resposta— Os Seguros não eram utilizados ao serviço da população, mas sim ao serviço dos monopólios.

tados com grande luxo, grande aparato, mas só isso. Os médicos que vêm cá duas horas por dia, e ganham ziam que o trabalhador já estava bom. Os médicos foram os indivíduos que mais se opuseram à nacionalização.

Outro assunto que servia perfeitamente para desviar dinheiro, era o resseguro, 85% dos nossos



Serviam mais para um fundo de investimento na bolsa e na aquisição de imóveis. Ainda havia companhias que faziam especulação na compra e venda de terrenos.

Posso dar um exemplo a nível do seguro automóvel, de como as empresas do monopólio beneficiavam das companhias de seguros. Havia uma tarifa de 1973 que era aplicada a qualquer pessoa que vinha fazer o seguro do automóvel, isso dava mais ou menos entre 3 a 4 contos. Havia um auto-tanque da Sacor que estava segurado contra todos os riscos e pagava precisamente a mesma coisa, porque aplicavam tarifas de 1936. Claro que quem pagava a diferença era o segurado que aqui aparecia.

Há companhias que nunca tiveram industriais. Um caso flagrante foi o da Impefio que apresentava sempre prejuízo.

Claro que havia grande movimentação de fundos, mas como eles eram desviados para a especulação na bolsa e para a compra dos terrenos, no fim do ano apresentavam sempre prejuízo.

Há uma coisa muito importante relativamente aos acidentes no trabalho em que havia atropelos de toda a ordem. Eram os próprios trabalhadores de seguros a enganarem outros trabalhadores. Invocava-se leis e cláusulas para se dizer que o trabalhador não tinha razão para reclamar.

Os postos clínicos eram mon-

seguros são colocados lá fora.

REVOLUÇÃO: O que é o resseguro?

Resposta— Nós não tínhamos capacidade para fazer seguros muito elevados, portanto recorria-se ao resseguro. Isto é, praticado internacionalmente.

REVOLUÇÃO: Mas só a nível dos países capitalistas?

Resposta— Não, também a nível dos países socialistas.

A Inglaterra é o principal centro de resseguros e até os da Rússia lá vão parar.

No resseguro pode-se verificar boicote a nível dos países capitalistas, no entanto poderá recorrer-se aos países socialistas.

REVOLUÇÃO: Como encaram vocês a nacionalização dos seguros?

Resposta— A nacionalização da banca e dos seguros por si só não chega, se não se efectuarem modificações profundas, se estas nacionalizações não forem acompanhadas de outras medidas, como a reforma agrária; isto pode acabar por ser um paninho quente e cairmos num capitalismo de estado, e com a recuperação da pequena burguesia.

O estado tendo na mão os bancos e os seguros que por sua vez têm dezenas de empresas, elas terão como dirigentes, esses directores todos esses que andam para aí e que foram os mais directos colaboradores do capital.

Continua pág. 14

COMUNICADO

À CLASSE OPERÁRIA E A TODOS OS TRABALHADORES DA TAP

1 — O 11 de Março, tal como o 28 de Setembro, vieram demonstrar quem, neste país, está do lado da reacção ou objectivamente a favorecer, e quem está do lado das forças progressistas e quer fazer avançar o processo revolucionário.

Os trabalhadores da TAP já antes do 25 de Abril haviam demonstrado de que lado estavam, pelas lutas anticapitalistas que travaram. O mesmo não se pode dizer claramente das organizações políticas, que reivindicando-se da classe operária, nos caluniaram assim como a outros trabalhadores, pois a sua linha reformista/eletoralista (de colaboração de classes) outra coisa não é que uma política de traição à classe operária e aos objectivos de classe do proletariado.

Spínola e Sanches Osório, dois refinados reaccionários com quem o reformismo/revisionismo se aliou contra nós, já deixaram bem claro para todos de que lado estavam. Quem tinha razão? Nós, que nos organizávamos e lutávamos contra o capitalismo, ou aqueles que aliando-se a Spínola e Sanches Osório sabotavam e traíam as nossas lutas?

2 — A nacionalização da Banca e dos Seguros são passos positivos no sentido do socialismo, mas, se actos isolados, nada resolverão. Por outro lado, não se pode ficar pelas simples nacionalizações, pois então iríamos cair num capitalismo de Estado. Para que se avance decisivamente no sentido do socialismo é indispensável nacionalizar todos os grandes meios de produção e troca e passar o controle político e económico da vida nacional para a mão dos trabalhadores, com a classe operária à cabeça.

3 — Neste contexto se enquadra a luta dos trabalhadores da TAP.

Os trabalhadores da TAP, representados pela sua C. S., e após estudos feitos, concluíram ser possível à Empresa satisfazer a verba por nós reivindicada, caso ela fosse convenientemente gerida. O Governo contrapôs 60.000 contos, alegando não haver recursos para mais, mas desconhecendo completamente a má gestão e o boicote económico.

Tendo conhecimento posterior destes factos (fornecidos pela C. S.), o Governo mantém-se intransigente, revelando um total desprezo pelas justas aspirações dos trabalhadores. Lembramos aqui que a intransigência do Governo em relação a nós se mantém dos tempos em que era ministro o fascista Sanches Osório (amigo do Sr. Moura Pinto, ex-presidente da C. A. da TAP, que fez todos os esforços para a militarização da empresa).

Surgem, entretanto, listas para recolha de assinaturas, em concordância com a verba proposta pelo Governo, desprezando as decisões tomadas em plenário, e desprezando mais uma vez a linha divisionista/reformista a vontade de quebrar a unidade dos trabalhadores e tentar conciliar os mesmos com o Capital.

O CORT lembra aos trabalhadores TAP que é a classe burguesa (ou que com ela se identifica) que, fazendo o jogo do Capital, mais se tem distinguido nos plenários a favor da aceitação da esmola governamental.

**NÃO ÀS ESMOLAS DO GOVERNO!
PELA SATISFAÇÃO DAS NOSSAS JUSTAS REIVINDICAÇÕES!
PELA ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DA CLASSE OPERÁRIA!**

**VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
VIVA O COMUNISMO!**

Lisboa, 25 de Março de 1975.

**C. O. R. T.
(Comité de Organização
Revolucionária na TAP)**



dos trabalhadores as lutas dos trabalhadores as lutas do

ERO

cumprimento
Colectivo de
ento de um
palização do
a situação aos
país, que nos
solidarizaram
sentamos à
gulamento de
ceite, porque
pagar os or-
os o caso ao
o e aos sin-
eríamos acredi-
m o Minis-
só um dos
descaramento
e empregados
presa, sendo a
desviava o
empréstimos
à firma, cujos
m facturas

que conclusões
uniões?

ue o Ministério
indicatos farão
Colégio, tendo-
ber os miserá-
Fevereiro.

os é trabalhar,
pelo direito ao
mentar direito
ara tal, gos-
Colégio—fosse
controle dos
mos um in-
os que o povo
Brotero, mas
deixar de ser
ma das nossas
dar aqui um
Popular para
s, sobretudo
os acabar com
es. Esse Centro
o povo. Eu sou
quero que elas

nsam que um
poderia existir
lista?

ão. Passaria a
a todos e não
meia dúzia de
es deixariam de
ntrole seria feito

D?

os Contínuos e
nado grandes
tir dentro das
adores uma si-
nte com o mo-
o actual no

militarizadas, a
das dos capi-
e assim ao
fedeiros tra-

EXIJAMOS O ESCLARECIMENTO DO 28 DE SETEMBRO E DO 11 DE MARÇO

É necessário que seja tornado público todo o processo do 28 de Setembro e do 11 de Março. É necessário que não haja mais segredinhos à volta disto.

É necessário desmascarar os reacçãoários e não mais lhes dar cobertura.

Assim, recebemos do Sindicato dos Contínuos e Porteiros uma moção aprovada por trabalhadores daquela organização:

...2.1. Que, como não se pode dissociar este golpe do 28 de Setembro, seja no mais breve espaço de tempo possível, dado conhecimento público do inquérito feito ao mesmo, como igualmente o resolveu o MFA.

2.2. O imediato julgamento revolucionário com total conhecimento para as massas não presentes:

2.3. Fuzilamento imediato para todos os implicados na intentona reacçãoária (de 28 de Setembro e 11 de Março) e que os seus bens revertam, depois de expropriados, a favor dos deficientes das Forças Armadas.

Que se alerte a população para manter vigilante, especialmente os trabalhadores bancários, pois os capitalistas tentarão assaltar os mesmos, pois há-de-lhes faltar dinheiro para as suas investidas reacçãoárias."

Morte ao capitalismo e ao fascismo — Revolução Socialista

OS TRABALHADORES VENCERÃO

O Plenário de Delegados sindicais do Sindicato dos C.,P e P.S. reunidos no dia 14 de Março

SANEAMENTO NA CARRIS

Os trabalhadores da Carris não consentem que as suas decisões tomadas em Plenário Geral de Trabalhadores, sejam desrespeitadas.

Recebemos um comunicado em que os trabalhadores tomaram posição relativamente ao saneamento de indivíduos que já tinham sido saneados; a administração tentou colocá-los novamente na empresa. Os trabalhadores responderam com a expulsão.

"Os trabalhadores de St.º Amaro, ao tomarem conhecimento desta decisão da entidade patronal, considerando-a altamente provocatória e atentória à sua dignidade, reagiram prontamente, exigindo à administração a saída imediata do Eng.º Matos Ferreira e Agente Técnico Mário Correia. Ao mesmo tempo exigiram que os indivíduos saneados não tornassem a pôr o pé nas instalações da Empresa, mas que esta atitude não obrigasse a Companhia ao pagamento de qualquer indemnização.

Na sequência destes factos gerou-se um clima de efervescência e os trabalhadores chegaram mesmo a expulsar das instalações da Carris o Agente Técnico Mário Correia."

Num plenário convocado para tratar deste assunto, os trabalhadores aprovaram a seguinte moção:

1.º Que os indivíduos saneados não ponham os pés dentro das instalações da Empresa e, que não lhes seja paga qualquer indemnização ou salário;

2.º Que os factos corridos sejam amplamente divulgados ao País através dos órgãos de Informação".

A NACIONALIZAÇÃO DOS SEGUROS

Entrevistamos trabalhadores dos seguros que nos falaram acerca das empresas de seguros e da sua nacionalização

REVOLUÇÃO: Fala-nos do que foram os seguros até esta data.

Resposta— Os Seguros não eram utilizados ao serviço da população, mas sim ao serviço dos monopólios.

tados com grande luxo, grande aparato, mas só isso. Os médicos que vêm cá duas horas por dia, e ganham ziam que o trabalhador já estava bom. Os médicos foram os indivíduos que mais se opuseram à nacionalização.

Outro assunto que servia perfeitamente para desviar dinheiro, era o resseguro, 85% dos nossos



Serviam mais para um fundo de investimento na bolsa e na aquisição de imóveis. Ainda havia companhias que faziam especulação na compra e venda de terrenos.

Posso dar um exemplo a nível do seguro automóvel, de como as empresas do monopólio beneficiavam das companhias de seguros. Havia uma tarifa de 1973 que era aplicada a qualquer pessoa que vinha fazer o seguro do automóvel, isso dava mais ou menos entre 3 a 4 contos. Havia um auto-tanque da Sacor que estava segurado contra todos os riscos e pagava precisamente a mesma coisa, porque aplicavam tarifas de 1936. Claro que quem pagava a diferença era o segurado que aqui aparecia.

Há companhias que nunca tiveram industriais. Um caso flagrante foi o da Impepio que apresentava sempre prejuízo.

Claro que havia grande movimentação de fundos, mas como eles eram desviados para a especulação na bolsa e para a compra dos terrenos, no fim do ano apresentavam sempre prejuízo.

Há uma coisa muito importante relativamente aos acidentes no trabalho em que havia atropelos de toda a ordem. Eram os próprios trabalhadores de seguros a enganarem outros trabalhadores. Invocava-se leis e cláusulas para se dizer que o trabalhador não tinha razão para reclamar.

Os postos clínicos eram mon-

seguros são colocados lá fora.

REVOLUÇÃO: O que é o resseguro?

Resposta— Nós não tínhamos capacidade para fazer seguros muito elevados, portanto recorria-se ao resseguro. Isto é, praticado internacionalmente.

REVOLUÇÃO: Mas só a nível dos países capitalistas?

Resposta— Não, também a nível dos países socialistas.

A Inglaterra é o principal centro de resseguros e até os da Rússia lá vão parar.

No resseguro pode-se verificar boicote a nível dos países capitalistas, no entanto poderá recorrer-se aos países socialistas.

REVOLUÇÃO: Como encaram vocês a nacionalização dos seguros?

Resposta— A nacionalização da banca e dos seguros por si só não chega, se não se efectuarem modificações profundas, se estas nacionalizações não forem acompanhadas de outras medidas, como a reforma agrária; isto pode acabar por ser um paninho quente e cairmos num capitalismo de estado, e com a recuperação da pequena burguesia.

O estado tendo na mão os bancos e os seguros que por sua vez têm dezenas de empresas, elas terão como dirigentes, esses directores todos esses que andam para aí e que foram os mais directos colaboradores do capital.

Continua pág. 14

COMO

À CI

TODO

1 —

trar quem,
favorece, e
avancar o p

Os traba-
de que lado
não se pod-
dicando-se
trabalhador
de classes)
e aos object

Spínola
reformismo,
todos de
organizava
aliando-se a
lutas?

2 —

positivos n
resolverão.
nacionaliza
que se avan
nacionalizar
controle pe
trabalhador

3 —

TAP.

Os trab-
estudos feit
nós reivindi
contrapós 6
desconheca

Tendo o

o Governo r
justas aspi
transigência
que era min
ex-president
militarizaçã

Surgem
cordância c
tomadas e
divisionista
e tentar con

O CORT

que com el

distinguido

NÃO A

PELA S

ÇÕES!

PELA C

VIVA A

VIVA C

Lisboa,

AMÉRICA LATINA

JUNTA DE COORDENAÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Declaração de um camarada do PRT em nome da Junta de Coordenação Revolucionária no comício do PRP-BR do dia 14 de Março, no Campo Pequeno.

"Companheiros:

É para nós motivo de grande satisfação militante dirigir-lhes uma saudação fraternal desta tribuna a todos os revolucionários e ao povo português, em nome da Junta de Coordenação Revolucionária Del Cono Sur de América Latina, integrada pelo Movimento de Libertação Revolucionária (MIR) do Chile, pelo Movimento de Liberación Nacional (Tupamaros) do Uruguai, pelo Ejército de Liberación Nacional da Bolívia e pelo Ejército Revolucionario del Pueblo da Argentina.

Nossa presença neste comício do Partido Revolucionário do Proletariado de Portugal é a clara expressão do nosso propósito de nos solidarizarmos com a classe operária e o povo português e com suas organizações de vanguarda em todo o momento e em todo o lugar em que se manifestar a sua decisão de luta.

O processo iniciado em Portugal com o 25 de Abril tem comovido os revolucionários e os povos do mundo inteiro. A derrota do fascismo abriu um novo período de agudização da luta de classes

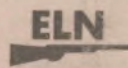
anos de fascismo não conseguiram vencer a heróica resistência do povo português, e o regime foi incapaz de vencer os povos africanos que desenvolveram durante largos anos uma justa guerra de libertação. Mas o 25 de Abril não terminou com os planos sinistros da reacção e do imperialismo; sectores das classes dominantes apoiaram o começo do processo com a intenção de mudar pequenas coisas para afinal não mudarem nada. Mas em seguida apareceram bem claras as verdadeiras intenções dos reacçãoários frente à mobilização popular que os ultrapassava. A intenção contra-revolucionária malograda de 11 de Março pode não ser a última e é uma clara advertência à intensa vigilância revolucionária. Portugal é hoje o elo mais débil da cadeia imperialista no continente europeu; logrou vencer o fascismo, mas está ameaçado pelo grande inimigo da humanidade: o imperialismo americano. A luta do povo irmão português é a mesma luta dos povos de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, é a causa dos povos Latino-Americanos e dos povos da Indochina que hoje estão realizando novas e grandes vitórias. É a causa de todos os povos do mundo. Esta luta não é senão a derrota total do imperialismo



J.C.R.

"É o caminho do Vietnam; é o caminho que os povos devem seguir; é o caminho que a América seguirá com a característica especial que os grupos armados saberão formar juntas de coordenação para tornar mais difícil o projecto de repressão do imperialismo yankee e defender a sua causa".

Che Guevara. Mensagem à tricontinental



BOLÍVIA



ARGENTINA



CHILE



URUGUAY

MOVIMIENTO DE LIBERACION NACIONAL — URUGUAY

TUPAMAROS

Apesar das previsões formuladas num ou noutro sentido, pela maioria dos grupos da oposição, é indubitável que o golpe de 27 de Junho de 1973 (pelas suas características e pelo seu processamento) tenha sido em maior ou menor grau uma surpresa para todos, mesmo para as forças mais ligadas ao governo.

Para compreendemos os factores que de algum modo forçaram o processo do golpe que se previa, e precipitaram a ruptura da ordem constitucional é necessário revermos os acontecimentos antecedentes.

Se resolvessemos fazer uma análise profunda teríamos inevitavelmente de voltar pelo menos uns trinta anos atrás já que foi no fim da 2.ª Guerra Mundial que o imperialismo ianque afirmou o seu papel hegemónico no Cone Sul (América do Sul), e esta ingerência cada vez mais notória, não só acentuou o nosso como também

gerou uma nova estatégia da oligarquia.

Remontaremos unicamente ao sombrio capítulo que se inicia com a subida ao poder de Juan María Bordaberry. Antes de tomar posse, o novo presidente proclamou-se abertamente partidário da ditadura brasileira, atacou a igreja uruguaia e estimulou abertamente os excessos dos grupos fascistas. (JUP) Posteriormente colocou uma máscara conciliadora seguramente com o assessoramento dos seus sócios naturais: o império e a oligarquia agro-exportadora.

Esta etapa de diálogo serviu-lhe para consolidar a maioria parlamentar que lhe permitiu fazer leis retrógradas como a Lei do Ensino, a Lei da Regulamentação Sindical, a Lei dos Serviços Culturais, de Segurança de Estado, perigosos, etc., que então a classe dominante já vinha preparando. O executivo foi endurecendo paulatinamente a sua atitude, sendo docilmente

acompanhado pela imprensa reacçãoária que na sua campanha traçou vários objectivos prioritários:

- Entretar a Frente Ampla (coligação de esquerda) e o ELN.
- Aceitar as discrepâncias internas dentro da Frente Ampla.
- Isolar a Frente Ampla dos outros sectores populares.

Tornou-se cada vez mais visível que os avanços da oligarquia correspondiam a um ajuste estratégico a médio e curto prazo. Convém recordar que já no último período do seu governo, Pacheco havia provocado uma viragem fundamental na faena repressiva; a policia totalmente destruída (devido a notória actividade das organizações parapoliciais, como o Esquadrão da Morte), para os embates de guerrilha, é substituída pelas FFAA para essa luta. No entanto, não é senão depois da subida ao poder de Bordaberry que alguns factos

aceleraram o processo de aplicação dessa estratégia:

- Os sucessos de Abril de 1972 (justiciamento de vários membros do Esquadrão da Morte, réplica imediata das forças repressivas, com o assassinato de militantes da ELN e de oito militantes comunistas) desencadeiam uma ofensiva cada vez mais radical por parte da classe dominante. Como resultado, não só obtiveram as FFAA um aparatoso triunfo militar

americano e seus lacaios. Porque a luta comum de nossos povos é a luta comum contra o imperialismo, a luta contra o fascismo e a luta pelo socialismo.

Para isto, necessitamos todos nas nossas respectivas frentes, vocês aqui e nós lá, fortalecer as trincheiras do povo e enfraquecer o campo do inimigo, apoiando-nos permanentemente na mobilização operária e popular. Devemos realizar a unidade da vanguarda e iniciar a construção de uma frente única popular onde se realize a aliança de todos os sectores populares sob a direcção da classe operária. Necessitamos, vocês aqui e nós lá, dar respostas concretas aos problemas concretos das massas e formular táticas e uma estratégia adequadas às condições de cada país.

Como ontem no Chile, como já hoje na Argentina, começa a ser proposto agora em Portugal a questão importante do poder popular, uma verdadeira alternativa revolucionária ao poder da burguesia. E estas tarefas exigem uma atitude unitária dos revolucionários. O desafio ao qual todos devemos responder nesta etapa da revolução mundial é o de imprimir uma direcção revolucionária às lutas das massas, e propor ao conjunto do povo o programa da revolução operária e camponesa.

Propor ao mesmo tempo um programa de transição, intimamente ligado às condições concretas de nossa luta em cada país, nesta etapa em que o combate contra o fascismo e o imperialismo é já o combate pelo socialismo.

Todo o revolucionário sabe que não houve na história dos povos uma só revolução pacífica. Em Portugal, o MFA teve um papel central na derrota do fascismo e no fracasso das posteriores tentativas de restauração dos reacçãoários. O futuro do MFA depende sem dúvida da sua decisão de estar junto do povo trabalhador, contra a reacção e o imperialismo, sempre que estes arrisquem o golpe contrarevolucionário. O futuro dos militares progressistas e revolucionários é fundir-se cada vez mais estreitamente com o povo, até converter-se na semente do futuro exército popular, que sob a condução da classe operária não será outra coisa que o povo em armas, velando pela construção do socialismo. panheiros: Até à vitória final. Venceremos.

15.3.975

J.C.R. - MLN, PRT, MIR, ELN



AMÉRICA LATINA

REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL MIGUEL ENRIQUEZ DO MLN TUPAMAROS



construção e fortalecimento, produzindo-se então, não selectivamente, a integração de grandes sectores do povo, entre eles, grandes camadas da pequena burguesia, fruto da situação económica do país. Como consequência disso houve desvios, de carácter pequeno-burguês na organização, cuja superação é a preocupação principal do Comité Central, da nova Comissão Política e do conjunto de militantes Tupamaros.

Várias resoluções aprovadas, assinalam a necessidade de desenvolver campanhas de propaganda basicamente voltadas para o proletariado fabril, para o incremento de uma política sindical em que "o trabalho deve ser mais paciente e humilde do que nunca, devendo o Partido tomar todas e cada uma das reivindicações mais sentidas pela classe operária e o povo,

e lutar junto a eles, pondo os seus meios e forças em função deles, adequados a cada situação concreta."

Mesmo assim foram votadas resoluções sobre "a linha militar" para o período, definida como "linha militar de massas", "mas tomando como principais objectivos aqueles elementos que constituem hoje apoio do fascismo; ou seja os sujeitos que desenvolvem actividade ao serviço das forças repressivas, delatores, policiaes, militares, dentro dos locais de trabalho e aqueles funcionários das empresas, conhecidos por perseguir os trabalhadores com o objectivo de obter uma maior exploração e que são verdadeiros verdugos do regime". Assim decidiu-se a elaboração de um plano de "Propaganda Armada", como marco geral definido da seguinte forma: "Será a partir da prática e do

desenvolvimento da linha militar de massas que hoje se apresenta como dado principal que o partido deve ir construindo harmonicamente a força militar que permita realizar acções de maior envergadura e nível. A organização e desenvolvimento da nossa força militar deve ser inviolavelmente subordinada à construção e desenvolvimento do Partido, ou seja, à organização da vanguarda da classe operária, que dirige todas as tarefas e classes aliadas, até à tomada do poder". A reunião do Comité Central de Outubro do ano passado, foi de importância fundamental para o MLN - Tupamaros, já que as resoluções tomadas são um transcendente avanço na superação e reorganização da Organização desde os golpes recebidos a partir de Abril de 1962, quando foram julgados vários elementos do chamado

"Esquadrão da morte", organização para-policiaes uruguaia.

A Reunião do Comité Central do MLN - Tupamaros designou "os companheiros caídos em Pando (localidade ocupada pela organização): Zabalza, Cultelli e Salerno, presidentes honorários do C.C.". Também se designou o Comité Central com o nome do companheiro Miguel ENRIQUEZ, secretário da organização irmã, Movimento da Esquerda Revolucionária - MIR do Chile, morto num confronto com as forças repressivas da Junta Militar gorila. O delegado do Partido Revolucionário dos Trabalhadores -PRT da Argentina, e da Junta de Coordenação Revolucionária del Cono Sur latino, foi nomeado como presidente do Comité Central "Miguel Enriquez".

Movimento de Liberation Nacional "TUPAMAROS"

O Movimento de Libertação Nacional "Tupamaros", realizou em Outubro do passado ano de 1974, uma reunião do seu Comité Central, onde se fez um detalhado balanço das actividades, situação actual da organização e perspectivas para o próximo período.

Entre as resoluções tomadas está a eleição de uma nova Comissão Política, assim como a definição de que "hoje a tarefa principal é a da construção do Partido no Uruguay, entendido como "o Partido Proletário clandestino e armado".

Fez-se, no Comité Central o balanço histórico do MLN (T), seu desenvolvimento, destacando que a nossa Organização tem nas suas origens raízes proletárias que influenciaram decisivamente a luta armada no nosso país. As suas relações com U.T.A.A. (União dos Trabalhadores do Açúcar de Artigas, localidade situada a norte do país) e com núcleos de companheiros proletários e proletarizados, fizeram desenvolver a nossa organização. Crescemos juntos e fomos aprendendo a caminhar sózinhos, desenvolvendo uma prática que nos fez conquistar a simpatia aberta da classe operária uruguaia e do nosso povo. Mas apesar de contarmos com esta influência, não nos baseamos na etapa de desenvolvimento do proletariado para a nossa



Dirigente revolucionário. Um dos fundadores do MLN-Tupamaros. Preso em Setembro de 72 e selvaticamente torturado. Mantido como refém com oito outros revolucionários desde Outubro de 73

TUPAMAROS

sobre a guerrilha como também desferiram golpes desapiadados nos sectores mais radicais da frente de massas.

b) Simultaneamente e aproveitando o desconcerto e o medo gerado em vastos sectores pela repressão, o governo decide acentuar a asfixia económica do povo, logrando assim para os capitalistas crioulos e estrangeiros uma excepcional mais-valia nesse período.

c) Não obstante, os sectores mais combativos do povo levam a oligarquia a pagar um preço político: o governo não consegue consolidar uma base social, demonstrando assim que o nosso lema de momento — "ganhar a rua e restabelecer a verdade" — tinha um inegável fundamento de eficácia.

d) Por outro lado, não há fortalecimento do plano político por parte do governo, e muito pelo contrário, as frágeis alianças desmoronam-se e surgem novas ameaças de ruptura.

e) É óbvio que o estado de guerra decretado em Abril de 1972 situou as FFAA no centro dos acontecimentos nacionais.



COMPANHEIRO
MIGUEL ENRIQUEZ



AMÉRICA LATINA

EJERCITO REVOLUCIONARIO DEL PUEBLO — ARGENTINA

UMA ESTRATÉGIA PARA A TOMADA DO PODER

No ano de 1963 funda-se o *PRT* pela convergência de duas organizações: uma a Frente Revolucionária Indo-Americana Popular (FRIP), surgida no calor das lutas do proletariado revolucionário Tucumano, da indústria sacareira e dos lenhadores santiagueños, de composição proletária e estudantil e com grande influência da revolução cubana; a outra, a Palavra Operária, que se desenvolveu junto das lutas sindicais e dos operários de Buenos Aires, e que como consequência das derrotas do proletariado nesses anos (1959, 1969, 1961 e 1962), ficou reduzida na sua maioria a sectores da pequena-burguesia de origem trotsquista.

A influência do proletariado revolucionário sobre o nosso partido despertou na organização os problemas da luta armada, gerando no seu seio uma intensa luta de classes, que culminou no V Congresso; a ala proletária, expulsa do partido pelos sectores de ideologia pequeno-burguesa que se negaram a assumir a res-

pensabilidade histórica de enfrentar a verdadeira luta revolucionária pela tomada do poder por meio do único caminho, o da luta armada.

Ainda que muito pequeno, o *PRT* estava intimamente ligado aos sectores fundamentais da vanguarda operária e popular e respondendo às suas aspirações — primordialmente dos grupos operários e de todos aqueles que estavam influenciados pelo exemplo heróico do glorioso Comandante Che Guevara — tomou a resolução de se armar e combater, de incorporar o início guerrilheiro da luta de classes na Argentina, satisfazendo uma aspiração dos sectores populares que nesses momentos levavam uma dura luta contra a ditadura militar de Onganía.

No V Congresso do *PRT* realizado em 29 de Julho de 1970, numa ilha do Rio Paraná, nas mais duras condições de legalidade, fundou-se o *Ejército Revolucionário do Povo*, tendo como base as unidades que já operavam an-

teriormente, desde 1969, e que realizaram algumas acções importantes, tais como a expropriação de 70 milhões de pesos no Banco de Escobar, Província de Buenos Aires, a expropriação de 42 milhões de pesos em Rosário, a tomada de um posto da Guarda Nacional em Rosário, da Esquadra 20 em Rosário, o resgate e a fuga dos companheiros presos em Tucumán, e outra acções menores. Estas operações foram levadas a cabo por comandos locais distintos e a partir da data da sua fundação começou-se a firmar como *ERP*. A decisão de se construir um exército revolucionário do povo, fica-se com a convicção que para ser possível a insurreição vitoriosa do proletariado e do povo é necessário desorganizar as forças armadas do regime, e para essa tarefa, deve opôr-se a elas, um exército revolucionário. Encarou-se esta tarefa com a plena convicção de que nas condições de momento em que se iniciava — debilidade no Partido, inexistência de um estado operário fronteiriço e carência de forças armadas, ou base armada im-

portante — a construção do *ERP* somente poderia ser o resultado de um processo político, social, técnico e militar prolongado que se desenvolvesse do pequeno para o grande.

Por isso, durante uma longa etapa a guerra revolucionária adquirirá formas de guerrilha urbanas e rurais, com rádios locais operativos, para logo, ampliando e estendendo política e militarmente as operações, passar à guerra de movimentação no campo e à formação de importantes unidades estratégicas dentro das cidades.

Segundo a experiência vietnamita, estabelece-se o princípio da direcção pelo Comité do Partido e responsabilidade pelos chefes de unidades, o que garante a aplicação do princípio de direcção colectiva, devendo o exército revolucionário ter um carácter operário e popular, incorporando nas suas fileiras todos aqueles elementos dispostos a lutar contra a ditadura militar e o imperialismo e que aceitem o programa do exército.

EJERCITO DE LIBERACION NACIONAL — BOLÍVIA

OS GRANDES OBJECTIVOS

Contra a intensa campanha que se orquestrou para silenciar as suas ideias, a figura do Che, como teórico de grande estatura, adquire dimensões cada vez maiores. Produto e produtor, ao mesmo tempo, da Revolução Cubana, Che desenvolveu junto aos condutores daquele processo, as teses que uniram intimamente o marxismo-leninismo com as necessidades e ansiedades dos povos latino-americanos.

A luz que irradiou desde a Sierra Maestra, abriram-se novos horizontes, percebeu-se mais claramente as perspectivas do nosso futuro continental.

A revolução Cubana foi a concretização, na realidade latino-americana, dos alinhamentos marxistas, abandonados pelo reformismo que se instalou nos partidos comunistas do continente. Não é possível resumir as conclusões que se tiraram dessa revolução, mas sim destacar as mais importantes:

— A Guerra Revolucionária, como a mais alta expressão da luta de classes, acelera a formação das condições necessárias para o triunfo do povo sobre os opressores nacionais e imperialistas.

— A participação do campesinato na luta de libertação nacional, adquire um significado maior a partir da Revolução Cubana.

— Com base em determinadas condições a luta armada do povo toma a forma de guerrilha que actua como impulsor do movimento popular. Com ardor e guiado por estas conclusões, surgiu um poderoso movimento revolucionário, coerente na sua estratégia continental, se bem que muitas vezes esquemático nas suas linhas táticas. A tarefa de assinalar os princípios básicos da Revolução Latino-Americana de alertar contra os erros que se cometeram, teve no Che um dos seus principais promotores, que logrou estruturar e

desenvolver essa experiência. No Che assentam-se pois, os princípios que dão nascimento, razão de ser e perspectiva ao *Ejército de Libertación Nacional*.

Nos seus documentos e escritos estão descritas as linhas em que se baseia o accionar do *ELN* e que podem resumir-se em traços gerais, assim:

— A Bolívia, como todos os países da América Latina está em luta contra o imperialismo e a sua burguesia nacional, pela libertação nacional. Mas esta luta só pode dar-se como consequência da luta de classes e o seu objectivo é a construção de uma nova sociedade: a sociedade socialista.

— A luta contra o imperialismo não está circunscrita aos limites de um país. Todas as burguesias nacionais, dependentes do imperialismo e aliadas entre si, submetem os povos explorados do continente. Qualquer país em que se conseguisse vencer os ins-

Continua pág. 13



Para se conhecer o nascimento do *Ejército Revolucionário do Povo (ERP)* é necessário remontar-se à formação da organização revolucionária que foi a sua fundadora e que é presentemente a sua direcção política e militar: O *Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT)*.



O *Ejército de Libertación Nacional* da Bolívia não nasceu com uma declaração de princípios, mas com um acto de guerra. Foi em 23 de Março de 1967, que a lendária coluna dirigida pelo comandante Ernesto Che Guevara, realizou a sua primeira acção de combate contra o exército inimigo, a então desconhecida zona de Nancahuazú.

E sem problemas, os combatentes dessa coluna estavam dirigidos por uma ideologia: o marxismo-leninismo, uma estratégia: a guerra prolongada e uma tática de guerrilha que os anos posteriores se iam encarregar de reafirmar.



AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO DE IZQUIERDA REVOLUCIONARIA — CHILE

M. I. R.

A LUTA CONTRA A DITADURA

MIR

MIR



O Movimento de Izquierda Revolucionária (MIR) foi fundado em Agosto de 1965. Várias circunstâncias contribuíram para que então se cristalizasse a vontade revolucionária dos diversos sectores alheios ao partido velha esquerda chilena, de construir a ferramenta político-militar que acompanhasse as lutas do povo, estivesse em condições de garantir a irreversibilidade das suas conquistas e fosse capaz de dirigir a sua marcha até ao poder e ao socialismo.

Em primeiro lugar, a revolução cubana, que mostrou ao mundo que na América Latina a revolução era possível, mas tinha de propôr ao mesmo tempo objectivos anti-imperialistas e anti-capitalistas e para alcança-los era necessário convocar o conjunto dos explorados para uma guerra frontal contra o inimigo, sob a direcção revolucionária que em cada período, lembrava os métodos político-militares mais eficazes.

Em segundo lugar a crise da condução reformista no Chile, da Frente de Acção Popular (FRAP) em 1964 tinha mostrado a caducidade da concepção que colocava no Parlamento e na luta eleitoral os eixos do combate popular que iludia as massas exploradas com uma ascensão pacífica e legal gradual e progressiva até poder. Tinha mostrado que a condução reformista preparava na verdade, mas aquela que a reacção burguesa imperialista tinham necessidade, para limitar e catalizar o avanço da consciência e mobilização popular, para desarticular a sua força e desatar a repressão. Estes dois eixos centrais levaram os revolucionários a desenvolver e propôr um programa fundamentalmente socialista para a revolução chilena.

No Chile predominavam as condições de um capitalismo atrasado e dependente do imperialismo, numa situação de crise

permanente, cujo preço era por um lado o acentuar das formas da dependência e por outro, a agudização da exploração das massas trabalhadoras, operários e camponeses. Para garantir a dominação burguesa e imperialista, existia no Chile um aparelho de Estado cuja conquista e destruição se revelaria indispensável para a instalação de um governo operário e camponês que empreenderia a construção do socialismo.

Os revolucionários propuseram então o desenvolvimento de um partido, uma vanguarda revolucionária e um destacamento de quadros profissionais, profundamente comprometidos com os objectivos estratégicos do proletariado. Nos termos da discussão realizada para combater e superar a burocracia o oportunismo o abandono e a inorganicidade, viu-se a necessidade de que esse partido tivesse como base o centralismo democrático e a

rigorosa selecção dos seus militantes e, que na sua organização contemplaria e incorporaria conjuntamente os aspectos políticos e militares da luta.

Em 1964, importantes quadros abandonaram a esquerda tradicional e incorporaram-se numa organização chamada VANGUARDA REVOLUCIONARIA MARXISTA (VRM), já fundada em 1962. Em Agosto de 1965 a VRM funde-se com um novo grupo dissidente do PS dando origem ao Movimento de Izquierda Revolucionária.

O MIR nasce assim da confluência de grupos distintos. Poder-se-iam assim diferenciar dois sectores: — os "tradicionais" (trotskistas de 1938, comunistas saldos em 1946, grupos trotskistas dissidentes de 1952, comunistas dissidentes de 1957, etc.) e os "não tradicionais" (saldos das Juventudes Socialistas de 1963, em consequência da "direitização" da campanha de Allende para as eleições de 1964). Este último grupo era o mais numeroso, provia na sua

maioria da cidade de Conceição e mais tarde iriam construir em grande parte a Direcção Nacional da Organização.

O heroísmo e a disposição da luta invariável da classe trabalhadora do Chile alenta o MIR a preservar resolutamente este projecto.

A reorganização das fileiras populares e a prendizagem do povo chileno nas formas de luta ilegal, permitirão abrir essa guerra popular.

Está próximo o dia em que a guerra popular irromperá nas cidades e nos campos do Chile; para acelerar esse momento é necessário hoje em dia, aumentar o esforço de toda a esquerda chilena e dos cristãos progressistas, reanimar os operários e camponeses, alentá-los à luta contra o regime em todas as frentes e formas de luta que sejam possíveis, aproveitando todas as brechas e rachas da ditadura gorila.

A guerra popular é a única via para conseguir o derrube da ditadura e a vitória final e definitiva sobre ela.

E. L. N.

Continuação pág. 12

instrumentos de dominação imperialista (exército e burguesia locais) seria invadido e o seu povo submetido a uma guerra de devastação. A luta de libertação nacional é, portanto, continental.

— O esquema de exploração imperialista cria diferenças entre os países explorados. Em uns, mais do que noutros, abre-se uma brecha maior entre os miseráveis e privilegiados. Em uns, mais do que noutros, o proletariado adquire rapidamente consciência do seu papel histórico. Em uns, mais do que noutros, estão reunidas em condições mínimas para a revolução. Num deles situa-se o elo mais débil onde se romperá a cadeia imperialista. A análise histórica aponta a Bolívia como esse elo débil, onde são mais fortes as condições económicas, políticas e sociais.

— O confronto com o imperialismo é armado. O exército que deve criar-se para enfrentar o inimigo, formar-se-á com o curso da guerra. Partindo de um pequeno embrião, expandir-se-á a todos os sectores populares. Este embrião, ao iniciar o seu confronto com o inimigo, adoptará a forma mais apropriada: a guerra irregular.

A guerrilha, como método de luta popular, desenvolver-se-á nas cidades, nos acampamentos mineiros e no campo, adquirindo características especiais em cada um. Mas, será no campo, no monte, na serra, onde se desenvolverá estrategicamente a guerra de guerrilhas, atraindo mais sectores do campesinato à luta revolucionária liderada pela classe operária.

Talvez assinaladas assim, em grandes traços, estas afirmações mostrem sómente fragmentos de uma perspectiva que desenvolvida em toda a sua amplitude, expresse uma sólida coerência. De qualquer modo, servem para sublinhar os aspectos mais importantes da estratégia: (libertação nacional para o socialismo e continentalidade da guerra) e da tática (caracterização do elo mais frágil e adopção do método de guerrilha) que formulou o Che para o momento histórico em que se iniciou a luta de Nancahuazú e se formou o Ejército de Liberación Nacional. Era o início da construção da vanguarda revolucionária do povo boliviano, que o reformismo havia sido incapaz de formar, atado como estava sempre a uma linha de seguidismo da burguesia.



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ELEIÇÕES
SINDICAIS

Vão realizar-se eleições sindicais dos trabalhadores da C.M.L., no próximo dia 7 de Abril.

A candidatura da lista A, organização pró-sindical dos trabalhadores da C.M.L.-UNIDADE NA LUTA SINDICAL vem no seguimento das lutas desencadeadas nos últimos dez meses e é constituída por aqueles trabalhadores que "nunca pactuaram com os fascistas e os variados chefes reaccionários que por aí andam".

Organizaram-se na luta e candidataram-se para defender as classes mais desfavorecidas, que constituem a maioria dos trabalhadores da C.M.L. Do seu programa destacamos a defesa intransigente do sindicalismo apartidário, mas não apolítico; a recusa do dirigismo de cúpula de direcções, que agem longe e nas costas dos trabalhadores.

A Direcção terá como principal actividade "fomentar e coordenar a organização dos trabalhadores no seu local de trabalho, propondo em cada momento e para cada situação concreta, as linhas de acção sindical que sejam a expressão da vontade dos trabalhadores, evitando que os agentes dos chefes e os privilegiados tomem conta desse sindicato.

A lista A afirma-se anti-burocrática. "Para nós, uma organização sindical não é uma Enbaixada Diplomática, mas um órgão de luta e organização". Para isso, os trabalhadores que forem eleitos deverão reunir o maior número de vezes possível com os trabalhadores e as vezes estritamente necessárias com os patrões e hierarquias. Esta

organização proposta, surge da existência de delegados, segundo o local de trabalho e profissão, e criação de comissões de trabalho profissionais. Os delegados, para a lista A, são o motor do sindicato, devendo funcionar regularmente em reuniões por sector profissional, promovendo a discussão nas bases, e realizando reuniões plenárias de todos os trabalhadores.

As linhas de força de actuação sindical, propostas pela lista A, são:

- a realização frequente de amplas reuniões de trabalhadores, em que se exponham os problemas, confrontem opiniões e definam linhas de orientação para a vida sindical.

- garantia de uma informação constante sobre todos os aspectos da vida sindical, rapidamente distribuída.

- um esforço constante na preparação e aperfeiçoamento de quadros sindicais, capazes de apoiar e dinamizar em todos os momentos os seus camaradas de trabalho

- um enorme esforço para que se consiga que cada vez mais trabalhadores participem no dia a dia do seu sindicato.

Sendo pela defesa intransigente dos trabalhadores, os candidatos da lista A afirmam que não há verdadeiros sindicatos sem luta sindical, pelo que é necessária a mobilização real de todos os trabalhadores na luta, pelo saneamento e pela melhoria das suas condições de vida.

A lista A propõe-se desenvolver formas federativas, englobando todos os trabalhadores das Câmaras Municipais e do Estado.

Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15
ALGÉS DE CIMA

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, 6
Tel. 2763267 / 2763397 / 2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

LISBOA — Sede Central do Partido
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

Jornal "Revolução"

R. Arco do Carvalhão, 1, 5.º Dt.º — Tel. 682323

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 32-34

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1

PORTO — Rotunda da Boavista, 76, 3.º Esq.
Tel. 695080

Rua Álvares Cabral, 110
Tel. 315759 / 315786

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frel Agostinho da Cruz
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — R. José Espargueira
Tel. 22558

Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68 (A abrir brevemente)

ALMADA — R. Trindade Coelho — CACILHAS
(A abrir brevemente)

A NACIONALIZAÇÃO
DOS SEGUROS

Continuação pág. 9

REVOLUÇÃO: Como foram constituídas as Comissões Administrativas?

Resposta — Aqui foi eleita pelos trabalhadores. Noutras companhias foram nomeadas de acordo com o sindicato sem qualquer consulta aos trabalhadores. Nós não aceitamos isto e elegemos nós a C.A.

Outra coisa que foi deliberada no sindicato por uma comissão técnica que está a estudar a

reconversão da indústria de seguros e que os trabalhadores da União não estiveram de acordo, foi o facto de terem juntado companhias de seguros em vários grupos. No grupo puseram companhias que não tinham nada a ver connosco, nem a nível de monopólio, nem de ramo de actividade, e isto foi mesmo alterado.

Nós pensamos que a nível de seguros se deverão apenas formar duas companhias - uma de seguros directos e outra de resseguros, ou então juntá-las a nível de ramos de actividade.

COMÍCIOS E DEBATES

Nos últimos quinze dias realizou-se um debate, no Liceu Gil Vicente com a FSP e a LCI;

No dia 27, realizou-se um comício no Barreiro e no dia 29 em Vila Moreira.

Dom. Seg. Ter. Qua. Qui. Sex. Sáb.

23 24 25 26 27 28 29

A Semana

Sexta-feira, 21

— «A Capital» informa que uma companhia de infantaria das instalações da Bateria Antiárea fixa de Leixões, instalada em Leça da Palmeira, será colocada à disposição do Copcon.

— Realizou-se no Porto um comício do PPD que, como largamente noticiou a Imprensa diária, provocou grande número de incidentes entre este partido e o PCP.

Do comunicado da DORN do PCP extrairmos:

«Esta madrugada o PPD decidiu dar mais um passo em frente na sua escalada reaccionária. Isto mostra a justeza da posição do PCP ao pronunciar-se contra a permanência na coligação governamental de um partido que está contra o processo democrático em curso».

Finalmente os reformistas descobrem o carácter altamente reaccionário do PPD. Porque continuam então com ele na coligação?

Porque a política reformista tem um objectivo que tudo determina — a conquista de posições dentro do poder.

— O MES e a FSP são consultados pelo Primeiro Ministro com vista à constituição do IV Governo Provisório.

— Decorridos alguns dias sobre a descoberta, num Banco da capital, dum «donativo» de 28570 dólares do Vneshtorgbank 47 (de Moscovo) à Intersindical, o secretariado desta organização apressa-se a emitir um comunicado onde afirma que a Comissão Central dos Sindicatos Soviéticos colocou a quantia de 700 contos ao seu dispor.

Estranhas e curiosas coincidências e... dependências.

Sábado, 22

— O senador americano Buckley declarou numa conferência de Imprensa, a propósito da eventual intervenção da Nato em Portugal que «há uma série de coisas que as pessoas com poder militar podem fazer».

Após preconizar o regresso de Kissinger, então em missão que se revelou pouco frutuosa ao Médio Oriente, para os Estados Unidos, afirmou que:

«Nada mais se passa actualmente no mundo que seja metade tão importante e ominoso como a corrida comunista para o poder em Portugal».

Vemos, deste modo, que o imperialismo está bastante atento e preocupado com o que se passa em Portugal.

Domingo, 23

— É anunciado no Porto, pelo chefe do Estado Maior da Região Militar do Norte, a existência do «Exército de Libertação Português» (E. L. P.) que se propõe criar um clima de terror e fazer regressar Portugal ao fascismo.

Esta organização, de acordo com a mesma fonte, recebe grande apoio financeiro internacional, aparelhagem técnica e militar ultramoderna, está instalada com quartel-general em Espanha e abrange muitos civis e militares.

A questão levantada pelo jornalista do Século se o CDS «estará de facto envolvido nesta manobra», foi respondido que «essa pergunta não pode ser respondida por enquanto».

— Os trabalhadores do Pão de Açúcar decidiram, em reunião a nível nacional, o saneamento de 4 administradores, com o corte imediato dos respectivos ordenados; mantêm-se entretanto os piquetes de vigilância.

Segunda-feira, 24

Em plenário realizado nas instalações de Santo Amaro, os trabalhadores da Companhia Carris de Lisboa decidiram que os indivíduos saneados em Novembro não podem entrar nas dependências da empresa nem receber qualquer indemnização ou salário.

— A FEC (m-I) impugnou o acórdão da sessão plenária de 18 de Março de 1975 do Conselho da Revolução que determinou que aquela organização procedesse, no prazo de oito dias, à alteração do seu símbolo.

Deste modo a FEC(m-I) recusou-se a mudar de símbolo.

Terça-feira, 25

— O Conselho da Revolução decide aceitar os novos símbolos da FSP e UDP; julgar improcedente o recurso do PDC; a proibição de emissão de comunicados por parte de militares e grupos de militares, tendo sido definidos os órgãos e entidades que possuem competência para o fazer.

Em relação a este últimos pontos, é importante salientar que os comunicados que a Imprensa diária tem publicado (quando os publica...) se salientam por posições firmes e radicais por parte seja dos oficiais e/ou dos sargentos e/ou dos praças das diversas unidades.

Deste modo, a proibição acima referida surge como mais uma manobra reaccionária-reformista, que ousa calar a voz de sectores militares mais radicais.

— O general Pinto Ferreira, comandante-geral da GNR, assumiu o comando conjunto da GNR e da PSP. Este facto constituiu mais um passo em frente na projectada fusão entre as duas referidas corporações.

— Na sua conferência de Imprensa, o MRPP afirma que a tática correcta no momento actual consiste no boicote activo às eleições.

— É divulgado o IV Governo Provisório. Os quatro partidos nele presentes (PPD, PS, MDP-CDE e PCP) têm dois ministros, um com pasta e outro sem pasta.

Apesar de toda a série de ataques recíprocos entre o PPD e o PC, estes dois partidos permanecem lado a lado na coligação governamental.

Ambição do poder, a quanto obrigas!

Quarta-feira, 26

— Em Conferência de Imprensa, Kissinger afirma que «estamos inquietos com uma evolução em que há o perigo de que o processo democrático se transforme numa impostura».

— Frank Carlucci, no discurso proferido no Clube Americano de Lisboa, referindo-se ao auxílio dos Estados Unidos a Portugal diz:

«considereei como um dos meus primeiros objectivos a formulação de um programa de auxílio que fosse de encontro às prioridades do Governo português.»

Deste modo, o embaixador americano em Portugal, pessoa dada como pertencente à CIA, pretende infiltrar os seus «técnicos» em sectores como habitação, saúde, agricultura, educação, abastecimento de água e esgotos.

— Jean-Paul Sartre, no início de uma reunião tida com elementos do MFA, perguntou se estavam soldados presentes, ao que lhe foi respondido que apenas um (!) se encontrava presente, pois a generalidade dos soldados portugueses não falam francês.

O escritor e filósofo francês mostrou-se interessado em saber se, depois do 25 de Abril, as relações entre oficiais e soldados se modificaram, e qual a participação dos soldados no processo revolucionário.

— Toma posse o IV Governo Provisório.

Constitui, de certo modo, surpresa a pasta das Comunicações e Transportes ser entregue a um elemento do P. C. Importa, no entanto, referir que se tratam de sectores (ex: TAP, CTT) que os reformistas não controlam.

— Ramiro Correia, um dos principais responsáveis pela Campanha de Dinamização Cultural do MFA e membro do Conselho da Revolução, aconselha o voto em branco para quem não se encontrar suficientemente esclarecido.

— É decretado em Luanda o recolher obrigatório, na sequência dos gravíssimos acontecimentos dos últimos dias.

Quinta-feira, 27

— O Conselho da Revolução decide: pena até oito anos e multa até 100 contos para entidades ou

indivíduos que visem dificultar, impedir ou desacreditar as eleições; as FA podem prender em flagrante delito ou fora dele os agentes destas infracções, mantendo-os sob sua guarda até 30 dias, salvo se estiverem sujeitos ao foro militar;

— Aprovar o novo símbolo da FEC(m-I); considerar nula a inscrição do MRPP; convocar o mais urgentemente possível a Assembleia do MFA, da qual fazem parte oficiais, sargentos e praças (do quadro permanente e do quadro complementar), num total de 240.

— Costa Gomes recebeu no decorrer da semana os embaixadores dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Federal, Bélgica e Holanda, todos eles elementos de países da NATO.

— O coronel Ribeiro Simões, que era presidente da comissão de inquérito ao 11 de Março, foi exonerado das suas funções a seu pedido.

Sexta-feira, 28

— William Brooke, senador americano, é recebido por Vasco Gonçalves. Afirma que existe «nos Estados Unidos, uma certa apreensão quanto ao desenrolar da vida política portuguesa. Há também apreensão relativamente à posição de Portugal na NATO».

Sábado, 29

— O ELP anunciou estar pronto para desencadear operações em todo o território nacional. Pretende «derrotar, de modo absoluto e radical, o inimigo marxista que agora desfigura a nação portuguesa e oprime o seu povo.»

— Em entrevista concedida ao jornal «A Capital», Ramos dos Santos, responsável da Direcção-Geral da Promoção de Emprego, afirma que «por estimativas já feitas torna-se necessária a criação de 60 a 65 mil empregos por ano, e até ao final da presente década cerca de 320 mil...»

Se o número actualmente existente de desempregados ultrapassa já os 300 mil, não será ridículo virem-nos dizer que temos que esperar 4 anos até que hajam empregos suficientes? Pelo andar da carruagem, isto é, do sistema capitalista, quantos milhares de desempregados não existirão daqui a 4 anos, se o actual sistema continuar a existir!?

Revolução

Composição e Impressão: MIRANDELA & C.
Distribuição: DIC

EDITORIAL

Está constituído o novo Governo. E diríamos que cada vez mais provisório é. Pois pensamos que estão criadas condições para uma grande instabilidade, propicia decerto à contra-revolução, mas que tem de ser aproveitada no sentido revolucionário.

Este é um Governo mais à esquerda, mas dentro do qual estão todos os gérmens para as grandes contradições. A entrada do MDP-CDE vem reforçar indelutavelmente as posições do P.C., mas criará também da parte dos seus coligados - PPD e PS - as fúrias de marido enganado, que engendrarão alianças desses dois partidos, guiando-os para a direita e acentuando-lhes o anti-comunismo. A entrada por parte do PPD e do PC de dois novos elementos (Sá Borges e Veiga de Oliveira) das respectivas alas esquerda desses partidos contribuirá para o carácter remista do Governo e acentuará os processos de contradição interna desses dois partidos, representantes de classes diversas.

A composição deste Governo tem assim todos os condimentos para dois aspectos fundamentais: por um lado as lutas internas pela conquista de posições e de poder partidários, por outro lado o reformismo.

As primeiras acentuarão a crise. O segundo é realmente a forma mais acabada de ilusão reformista e é quanto a nós uma das últimas expressões que o actual poder assumirá no seu intuito de mudar por decreto aquilo que tem de ser mudado violentamente e por organização dos trabalhadores.

O reformismo do actual poder é no entanto bastante contraditório pois que aos Ministros do PPD se

porão as reformas dentro do sistema capitalista, reforçando-o e mantendo-o, agarrando-o pelos cabelos e sonhando ainda com o desenvolvimento à europeia e aos ministros do P.C. se porão as reformas no espírito gradualista, de quem pensa reforma a reforma construir o socialismo. Mas mesmo estes se dividirão entre as duas tácticas, uma a de conservar o mais possível a estabilidade, mudando poucas coisas (mantendo 50% socialista e 50% capitalista!), outra a de nacionalizar os principais meios de produção, instaurando um capitalismo de Estado (em que o Estado tem nas suas mãos os monopólios, o Estado é patrão). Qualquer destas tácticas, desde a do PPD, pondo a hipótese de desenvolvimento capitalista até às dos P.C. que renovam tristes experiências, passando pela do P.S. (que é uma criação híbrida) está destinada à falência.

E isto só conduzem. A actual crise da economia portuguesa não vai com remendos, não vai com reformas. E não vai porque é uma crise do sistema, que só acabará com o sistema.

O país só pode renascer numa base nova quando os trabalhadores souberem não só que estão a trabalhar para o colectivo (e não para os senhores capitalistas nacionais ou internacionais), mas também que a gestão é colectiva. Um plano nacional socialista tem de substituir o actual caos e anarquias capitalistas. E esse plano tem de ser assumido por cada trabalhador como coisa sua, o que só acontece se ele for discutido, aprovado colectivamente. O que só acontece se em cada consciência penetrar o colectivismo, que torna cada um mais inteligente e corajoso. Agora

bem podem pregar que se tem que "produzir", que se tem que "produzir"! Para quem?

E ou o país envereda por uma total e radical transformação, defendida pelas armas de civis e militares revolucionários fortemente organizados, ou a crise e as sucessivas falências criam todas as condições para o regresso do fascismo. Porque de novo dizemos que se o socialismo não se instaura rapidamente é o fascismo que regressa.

A direita, a reacção, os defensores do capitalismo, não embarcaram todos para o Brasil nem estão todos presos. Alguns andam por cá, ainda de armas na mão, e outros (não poucos) continuam organizados em partidos como o CDS. Aquilo que surge à luz do dia do sinistro E.L.P. é com certeza apenas uma parte. A reacção constrói a sua teia, enquanto os partidos de esquerda lutam entre si pela conquista do poder e enquanto os reformistas aproveitam para fazer guerra à esquerda revolucionária.

Perante esta cena dramática a única alternativa possível é trabalhar mais do que nunca na organização autónoma dos trabalhadores, conjugá-la com a organização nos quartéis e lutar pela organização civil-militar ao nível de milhares de homens. Esta é a única forma possível de sobrevivência.

No meio de isto tudo falar de eleições é dançar na corda bamba à beira do abismo. O campeonato entre partidos onde nos leva? Além do mais ao desperdício de energias pela esquerda e ao acentuar da crise.

Trabalhadores - organizem-se e armem-se. Que o inimigo avança. E há que saber quem são os amigos.

Muitas têm sido as críticas a nós dirigidas, quer de partidos de direita e reformistas quer ainda de partidos da esquerda não reformista, sobre a nossa posição do Não às Eleições.

Para nós, as eleições numa sociedade capitalista, são a maneira dos trabalhadores escolherem os elementos que durante um certo período os irão explorá-los reprimir.

Portanto como partido revolucionário que somos, não participamos nas eleições, porque fazê-lo seria contra-revolucionário, seria perder tempo, e sobretudo seria desviar os trabalhadores do seu objectivo principal, que será a tomada do poder pelo proletariado e não por qualquer partido, que rapidamente se tornará agente do capital e consequentemente laço da burguesia (se é que já não o era).

Como poderá haver eleições livres para os trabalhadores, se o capital se encontra nas mãos dos capitalistas, e que portanto dispõem de somas fabulosas para efectuar uma propaganda eficaz, se são eles que possuem todos os meios de comunicação, e de todo o tempo livre que necessitarem para desenvolverem a sua campanha eleitoral.

Nunca será por eleições que a burguesia se irá submeter aos trabalhadores, e nunca entregará os seus meios de produção ao proletariado.

Só pela violência revolucionária poderemos pôr fim ao sistema capitalista, altura em que os meios de produção pertencerão efectivamente ao proletariado, e não a meia dúzia de exploradores que vivem à custa do nosso trabalho.

Mas apesar destas contradições nós dizemos que as "eleições são livres", não para o classe trabalhadora, mas para a burguesia.

As direitas consideram as eleições como preparação para o confronto que não tardará, no caso dos trabalhadores se deixarem envolver numa luta demagógica entre listas, e é a contar com esse confronto por parte dos partidos políticos eleitoralistas que existe uma segunda linha de combate, pronta a desencadear um golpe fascista que resulta do falhanço da tentativa do 11 de Março, que irá trazer consequências bastante sangrentas para os trabalhadores e militares revolucionários.

não às eleições
sim à revolução
socialista

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE
PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral -- 96\$00
Anual -- 192\$00

PAGAMENTO: Em cheque
Em Vale



ATÉ QUANDO?